

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Curso de Pós-Graduação em “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer as narrativas, linguagens e culturas infantis”.

Laizane Cristina Santos de Oliveira

INVESTIGAÇÕES SOBRE O BRINCAR INTERROMPIDO

Observação e escuta de crianças pequenas e seu brincar.

São Paulo - SP
2020

LAIZANE CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA

INVESTIGAÇÕES SOBRE O BRINCAR INTERROMPIDO.

Observação e escuta de crianças pequenas e seu brincar.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a FACOM – Faculdade de Conchas, na área de educação como parte das exigências para a obtenção do título de Especialização em “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer as narrativas, linguagens e culturas infantis” - abordagens antropológicas nas pesquisas com crianças. Sob a orientação da Prof.^a Dra. Adriana Friedmann.

Local, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Adriana Friedmann)

Prof. (Natalia Tazinazzo)

Prof. (Renata Meirelles)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo se aproximar das reações e expressões das crianças pequenas quando o brincar é interrompido, o que acredito ser possível somente mediante observação direta das crianças e seu brincar, para isso recorro à uma abordagem antropológica.

Frente à necessidade do brincar livre, autônomo (como chama Renata Meirelles) ou apenas brincar e, tendo em vista que o impulso do brincar não se inclina às estruturas lineares e cronológicas da organização das rotinas que acabam por definir os tempos destinados a esse fenômeno no dia a dia de muitas escolas - à princípio de Educação na Infantil, seguindo para o Ensino Fundamental - me debrucei sobre os sinais das crianças nos seus tempos de brincar; e sobre a ideia de que pensar em medir o tempo do brincar seria o mesmo que tentar aprisionar o tempo, pois parar um relógio não cessa o correr das horas; tentar ainda, usar esse mesmo relógio para estruturar o brincar não é possível, pois a organização externa pautada na ação ou nas ações não configura a totalidade desse fenômeno, desse impulso que habita as crianças e, quem sabe uma forma de habitar o mundo. Nesse sentido, cada interrupção suspende processos, construções, comunicações, relações, movimentos de vida de cada bebê e crianças naquele momento. O que nos leva a refletir: quem melhor do que as próprias crianças para nos revelarem o que acontece quando o brincar é interrompido? Talvez juntos possamos repensar e reorganizar os tempos a partir desses sinais.

Palavras-chave: Brincar. Brincar interrompido. Escuta.

ABSTRACT

This research aims to address young children's reactions and expressions when their playing is interrupted, what I only believe being possible by direct observation of children and their toys, for that I resort an anthropological approach. Considering the necessity of free and autonomous play (as referred by Renata Meirelles) or just playing, and, that the impulse to play does not lean towards the linear and chronological structures of the routine which end up defining the ensured times for this phenomenon in many schools – first on Early Childhood Education, and then on Elementary School – I minded children signs in their playing time, as well as the idea

that measuring the playing time would be the same as trying to imprison time; structuring play using that same watch is not possible, once the external organization based on actions does not configure the totality of this phenomenon, of this impulse that inhabits children and, who knows, a way of inhabiting the world. In this sense, each interruption suspends processes, constructions, communications, relationships, and, life movements of each baby and children when it happens. Which leads us to reflect: who better than the children themselves to reveal to us what occurs when play is interrupted? Perhaps together we can rethink and reorganize times based on these signs.

Keywords: Play. Interrupted play. Listening.

SUMÁRIO

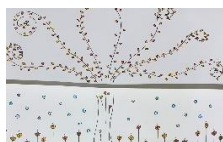
1 MEMORIAL

1.1 Os tempos... O tempo do brincar. Da minha infância... Das infâncias.....07



Carta à pequena Laiza..... 11

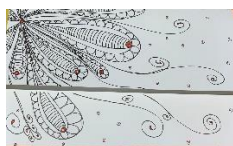
1.2 O percurso da escuta e da construção da docência.....12



Carta à querida Adriana Friedmann.....16

2 INTRODUÇÃO

2.1 Os sinais que levaram à pesquisa.....17



Carta às crianças que acompanhei e que me acompanharam.....21

2.2 Caminhos metodológicos.....22

3 ENCONTROS

3.1 CEI Vereador Rubens Granja, um espaço que acolhe.....25



Carta ao CEI Vereador Rubens Granja.....28

3.2 Incertezas..... 29

4 RELATOS – DIÁRIO DE BORDO

4.1 De ser surpreendida pelo brincar – Ryan.....30



Carta para Ryan.....35

4.2 De ser convocada a dar atenção e acolher – Lívia.....36



Carta para Lívia.....42

4.3 Ele volta e dá a última balançada - Antony.....43

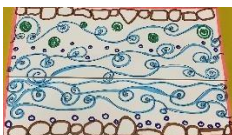
4.3.1 “Oi! Você pode, tá?!”46



Carta para Antony.....50

4.4 O retorno e o inesperado – Breno.....52

4.4.1 A continuidade do brincar – ainda fazendo comidinha.....55



Carta para Breno.....59

5 O BRINCAR INTERROMPIDO

5.1 Percepções e impressões.....60

6 O COMEÇO - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....63

7 REFERÊNCIAS.....65

8 DOCUMENTOS..... 67

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem

Nomeação.

Manoel de Barros

1 MEMORIAL

1.1 Os tempos... o tempo do brincar. Da minha infância... das infâncias

Pensar sobre infâncias e crianças tem sido parte de meus dias. É incrível quando um bichinho desses te morde e essa provocação passa a ser parte de todo seu tudo. Uma das poucas vezes que ouvi Manoel de Barros foi em 2018, numa aula de Luiza Christov, professora que traz ética, política, poesia, escuta, acolhimento, humanidade para a sala. Lembro de que as palavras do poeta me transportaram ao meu quintal, senti-me descalça, com os pés na nossa terra. Nesse dia, Luiza falava de darmos atenção e importância àquilo que quase sempre é ignorado, às pequenezas. Fui agraciada com o vislumbre de um dos quintais de minha infância. Éramos três crianças num grande espaço de terra, muitas árvores frutíferas, raízes, horta, fogo, água, bichinhos, cachorro. Nós cavocávamos, molhávamos, juntávamos montes das grandes folhas do abacateiro, cortávamos cana, descascávamos laranjas, tínhamos dor de barriga por comer goiaba verde com sal. Nos arranhávamos nos esgueirando pelo arame farpado para “pegar” limões de uma vizinha e ameixa de outra, vivíamos de aventura em aventura. Outro elemento dessa infância regada a natureza era o tempo. Em minha casa, após café da manhã e tarefas domésticas, o tempo era todo de brincar sem supervisão de adultos; acredito que isso se deve em parte porque estavam muito atarefados e em parte porque suas infâncias de roça garantiam nossa liberdade. Apenas de vez em quando ouvíamos minha avó gritar: “Que vocês estão aprontando?” e apressados respondíamos: “Nada!” para garantir a continuidade, pois se tivesse silêncio, ela vinha. Muitas vezes fizemos o que era proibido, além das frutas que jamais pediríamos, mexíamos na caixa d’água, raspávamos com uma colher (não podíamos pegar colheres) o paredão de terra para ver o desenho do choro da terra (demos esse nome), aquele encantador arco-íris que se fazia com linhas douradas, roxas, alaranjadas que se moviam a cada raspada. Essa pesquisa em particular foi interrompida quando, numa manhã, encontramos um deslizamento no quintal, o choro era real, tínhamos que

parar de feri-la. Percebo esse encontro com minhas memórias nas palavras de Adriana Friedmann:

Quando falamos no brincar, associamos este ato às crianças e às infâncias. Quando pensamos no brincar, nos remetemos à nossa própria infância. Quando defendemos o brincar, cada um evoca as crianças com quem convive. Quando sentimos o brincar ou relembramos o que sentíamos ao brincar, o corpo e a alma relembram o que é SER CRIANÇA. FRIEDMAN, (2019 p.1)

Voltando a falar do tempo, recorro de começarmos ao sol da manhã e entrarmos ao fim da tarde. O frio, o vento e a escuridão eram corresponsáveis pela nossa entrada para casa. Quem de nós ficaria com os sapos, a escuridão, lobisomens e outros personagens fantásticos que de dia imitávamos e de noite fugíamos até em pensamento (acho que também tinha minha avó chamando para tomar banho). Dentro de casa era hora de brincar de secretária, de cabana, de cantores, meditações, chão é lava... Nesse interim, em algum momento almoçávamos, mas de verdade não me recorro das pausas. A sensação que tenho é de um fio contínuo do brincar, um tempo correndo que não se sabe onde começa nem onde termina, porque o marco do sair para o quintal iniciava algumas ações, mas não iniciava o brincar, me parece que o impulso do brincar brincava no corpo e inclusive nas tarefas, nos cuidados. Nunca parávamos? Acho que não! Minha memória certamente me ilude, mas às vezes me deixo ir.

É a graça desse tempo subjetivo, que não se mede, que nos escapa, que é intenso e imponderável, um tempo que não se curva, não se submete, o tempo do brincar. Fenômeno este que se trata do existir enquanto criança, do viver criança, do ser criança, que por sua vez o sabe e o é inteira, totalmente dedicada. Um tempo que Camilo Cunha trata em seu texto: “O tempo das crianças... O tempo da imaginação”. No trecho abaixo, o autor descreve os tempos Chronos, Kairós e Aeon. Sendo Chronos o tempo contínuo, do relógio, organizado e controlável e Kairós e Aeon, de manifestação natural, relacionados à subjetividade do tempo das crianças:

Enquanto Chronos é de natureza quantitativa e objetiva, Kairós e Aeon possuem uma natureza qualitativa e subjetiva, como referência a um momento indeterminado ou a uma experiência oportuna. Estas representações mitológicas acabaram por chegar aos nossos dias através das estruturas linguísticas e simbólicas, timbradas também pela dimensão racional como representação modelar, exata, linear (Chronos), mas também como manifestação experiencial, criativa, lúdica e da intencionalidade fenomenológica (Kairós e Aeon). (CUNHA & KUHN, 2016, P. 01)

Diz ainda:

o tempo, entendido como o transcorrer das nossas vidas, é percebido como veloz com capacidade de pressionar a vida humana como nunca antes, a ponto de atingir e interferir nas esferas de crescimento e desenvolvimento desde a mais tenra idade. A criança, por sua própria natureza, envolvida no seu tempo e espaço, não percebe o mundo como o adulto, com pressões e atenção aos resultados das ações. O tempo da criança não é igual ao tempo do adulto. A criança brinca com o tempo, e por brincar com ele, é quem verdadeiramente entende do tempo. (CUNHA & KUHN, 2016, P. 09)

Por tanto, há impossibilidade de alcançarmos os fios dos tempos do brincar de cada um.

Tal infância, trazida com muita potência naquela noite de quarta-feira, foi vivida até os sete anos em Vila Paulina - Eldorado, periferia de Diadema. Verdade é que essa liberdade e autonomia para brincar nos deixavam viver, pois todos os males que se pode pensar de uma comunidade periférica violenta chegaram à nossa casa; a questão é que nós é que mandávamos no nosso quintal.

Quando esse quintal deixou de ser protegido, fomos embora da casa dos meus avós, minha mãe e eu. Fui acolhida pelo balanço no novo quintal, pela praça e pelas ruas do Bairro Jardim Thelma, em São Bernardo do Campo. Nessa época, em casas de cuidadoras e depois cuidada por meu padrasto, vivi muito da liberdade de sair pra rua, brincávamos muito e quando era muito bom, começávamos tudo de novo no

outro dia, e no outro, e no outro, até inventarmos outra coisa. Brigávamos, consolávamos, rompíamos, mediávamos, perdoávamos. Uma confusão para essa minha cabeça de adulta!

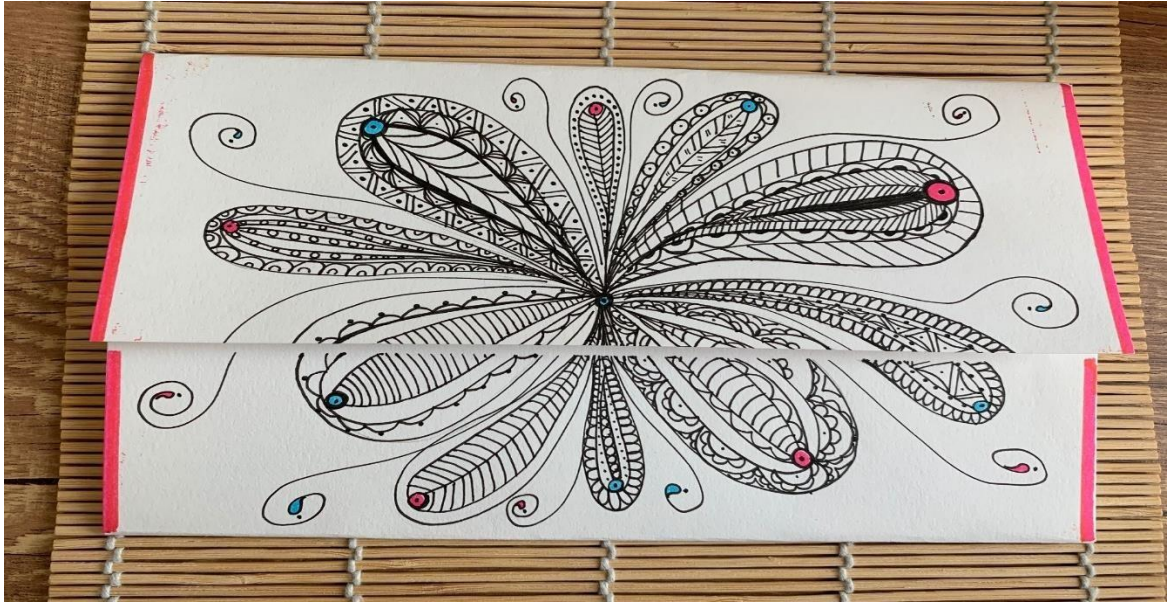
Aos doze anos não tinha mais meu padrasto, minha mãe trabalhava das duas às dez, eu ficava responsável pela casa e à sua espera, por isso, quando estava na rua, não tinha hora para o fim. Acho que as outras mães e pais chamando seus filhos é que me colocavam para dentro, pois eu não ficaria sozinha na rua não é mesmo? Lembro de uma conversa mais ou menos assim: “minha mãe chamou”, “a minha também”, “então eu também vou”. Nessa época algumas responsabilidades já estavam sobre meus ombros, mas vejo “aquele” tempo como um espaço de viver, e esse viver é que não tinha medida.

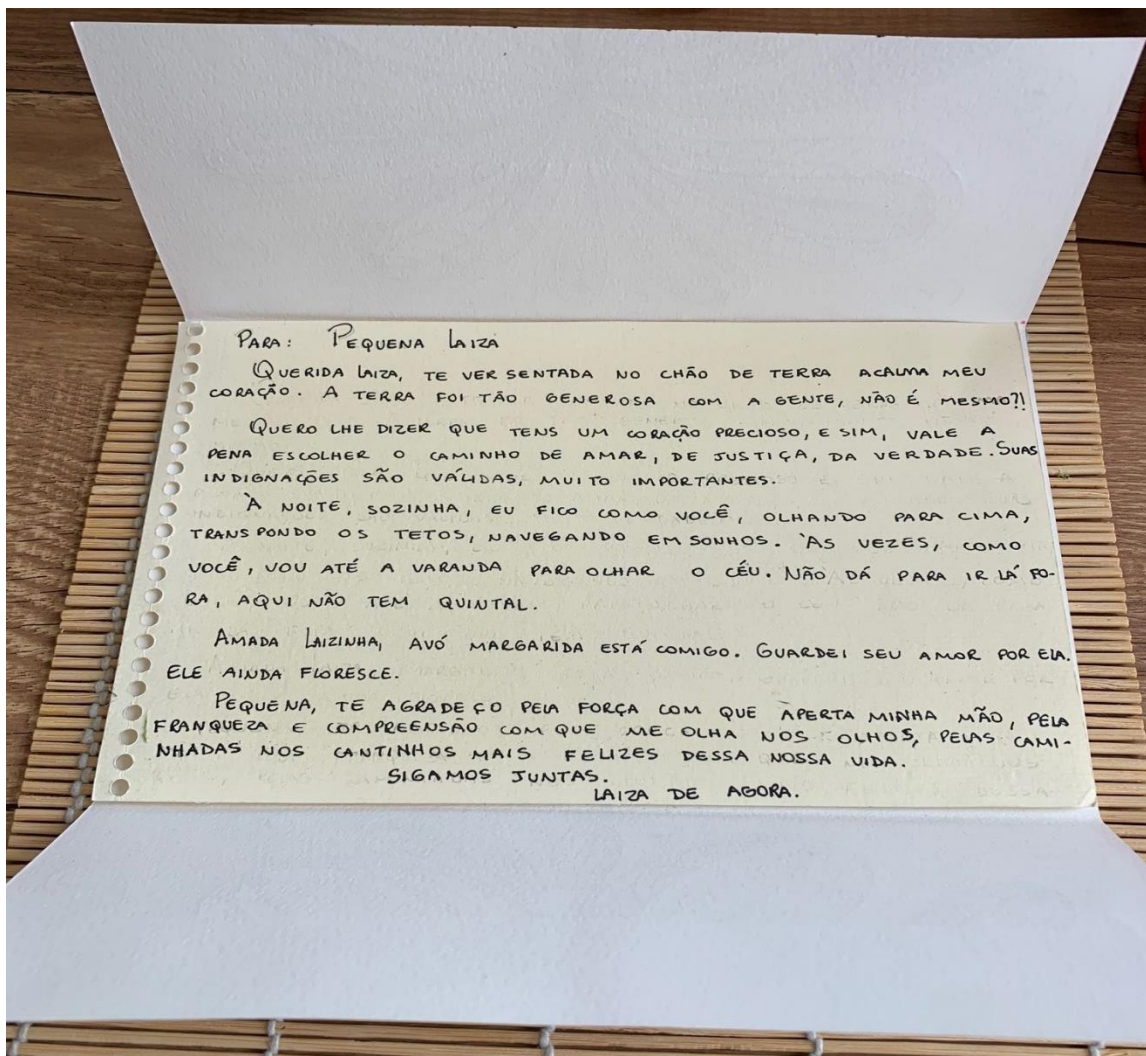
Naquela noite, no curso de pós graduação d’A Casa Tombada, Luiza Christov também falava sobre escuta e voz das crianças, estávamos ensaiando reflexões sobre suas vozes e nosso papel. Minha criança interna falava muito, eu professora, me perguntava: *quantas crianças falavam comigo todos os dias e eu não ouvia?* Percebo que escolher ser professora é escolher ouvir, mas definitivamente não pressupõe consciência dessa premissa ou mesmo a responsabilidade que ela traz. Como chama a atenção Deborah Tomé Sayão:

Quando nos permitimos ouvir ou observar as crianças com quem trabalhamos nós, professoras e professores, nos deparamos com situações inusitadas, com o inesperado, com o imprevisto. Muitas vezes, não conseguimos dar respostas às questões e, em alguns casos, não sabemos como intervir em uma determinada situação. Então, muitas vezes, fingimos que não vemos. (SAYÃO, Deborah, 2000, p. 01)

Não sei se um dia serei capaz de me dar conta da complexidade dessa responsabilidade, mas, uma vez consciente de sua existência, posso buscar alcançá-la. Abaixando, chegando pertinho, olhando bem no miudinho, aprendendo com as crianças e sua generosidade, me permitindo dúvidas, receios, fraquezas, admitindo quando simplesmente não souber e de vez em quando arriscando saber.

Carta à pequena Laiza.





1.2 O percurso da escuta e da construção da docência.

Ser professora foi uma escolha que fiz há mais de uma década e meia. Numa tarde de estágio do antigo Magistério, ao fim da aula fiquei sozinha na sala, olhei para aquele espaço apertado e desorganizado, cheio de cadeiras, mesas e uma lousa manchada de giz e me senti no meu lugar. Senti que me encaixava completamente no significado daquele conjunto de símbolos a minha volta, percebi que havia um caminho que trilharia e, de alguma forma, me abri para acolher todas as crianças que acompanharia, lhes prometi esforço e responsabilidade, porém não sabia que seria uma luta diária. Tinha tomado a decisão lá dentro do peito, antes da razão.

Nos dezesseis anos que se seguiram minha carne e meu espírito viveram o quanto é difícil cumprir uma promessa de esforço e responsabilidade na educação, requer entrega, ética, resiliência, investimento financeiro, tempo, sensibilidade, força e

tantas outras características necessárias para se viver. Porque estar na educação se tornou uma empreitada de vida.

Nesse caminho que me compõe nunca estive desamparada; em cada escola por onde passei encontrei parcerias íntegras, inacabadas e amáveis, que acreditavam sempre ser possível fazer mais, respeitar mais, doar mais. Junto dessa gente linda, percebi que os meninos e meninas eram mais que alunos a construir conhecimento, mas gente em relação construindo a vida.

Por oito anos acumulei cargos nas Prefeituras de São Paulo e Diadema. Pela manhã, no Bairro Sapopema em Eldorado, me dediquei às séries iniciais, no ciclo de alfabetização; pela tarde, em Vila Guarani – SP, me dediquei às crianças pequenas da Educação Infantil. Todo esse tempo, sem dúvida, trouxe um acúmulo de experiências, mas nem todo o conhecimento do cotidiano e das formações recebidas preenchem o espaço que eu sabia existir entre mim, as crianças e a prática diária. Eu estava certa de meu total comprometimento, mas a cada dia minhas vagas incertezas se organizavam até chegar à consciência em forma de perguntas: *Eu conheço as crianças? Isso que proponho é realmente o que elas precisam de mim? Eu realmente sei o que é território? Conheço os territórios que abrigam as crianças? Qual nosso papel na cidade? O que as crianças querem saber? O que elas querem dizer?* A resposta não levou tanto tempo a se formalizar e era “não”. A partir daí, tornou-se impossível seguir da mesma forma. Mas como ficar fora quatorze horas por dia, planejar nos finais de semana e ainda estudar com qualidade? Passei a preparar minha saída e por dois anos avalei os prós e contras de decidir pelo Ensino Fundamental ou a Educação Infantil. Minha resposta para esse conflito veio no momento em que optei nem por um, nem por outro, mas pelas crianças, onde eu poderia estar mais por elas. Decidi que mergulharia no universo dos pequenos para acompanhá-los e oferecer o melhor suporte possível, a fim de terem autonomia e chegarem confiantes ao primeiro ano de alfabetização. Vejam, essa foi minha primeira grande descoberta, assim que lancei o olhar de querer conhecer quem eram as minhas crianças, notei que ainda estava impregnada da escolarização para preparação e estava errada. Na verdade, meu dever era acompanhá-las e apoiá-las a ser o melhor delas mesmas no instante de cada agora, tudo o que viesse depois dependia disso, mas não ocupavam o motivo de estarmos juntos. Um olhar que Cunha e Kuhn relatam:

Fomentam-se expectativas sensacionalistas com relação à antecipação das capacidades das crianças forçando-as a alcançarem cada vez mais cedo a aquisição de determinadas habilidades, principalmente cognitivas e esportivas. Nas escolas elas dispõem de agendas lotadas, as séries são inflacionadas e a alfabetização tem sido antecipada para o período entre os zero e seis anos. (CUNHA & KUHN, 2016, Pg. 08)

Percebo que o impulso da linearidade ao olhar para o futuro ansiando sucesso, subjugava o tempo presente das crianças. Com essa experiência também descobri que se olhasse mais, veria mais.

Alcançar a mão da minha criança também permite acessar minha infância e trazer outras cores para esse quadro. Temos o cenário educacional, parceiros de sonho, muitas crianças, mestres maravilhosos e meu quintal, minha terra, meu cachorro, o abacateiro, o limoeiro... novas conexões com as infâncias se construindo com muito respeito, ciente da singularidade de cada uma. Acredito que podemos olhar pelo ponto de vista da experiência de ser criança, não mais como crianças, mas em conexão cada vez mais profunda com elas em nosso interior e no cotidiano.

Dos encontros felizes que a educação me proporcionou A Casa Tombada, o curso “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer as narrativas, linguagens e culturas infantis” e a grande mestra Adriana com sua escuta, afeto, amorosidade, generosidade, cuidado, sabedoria ímpar e desejo de respeito às crianças foram de longe um acerto de sonho realizado. Adriana compartilhou conosco seu sonho para as crianças e nos convidou a embarcar numa jornada de aventuras, partilhou conosco seus amigos, suas palavras, sua visão, suas horas e muito mais, sua humanidade. Tudo que me compõe agradece pelos muitos focos apresentados ao meu olhar sobre as infâncias e as crianças. Dentre eles o brincar, que cresceu e se tornou um gigante, que não se permitia mais ser encarado como um momento em nossos dias, mas necessidade primeira de existência, composição da nossa humanidade, linguagem complexa, fenômeno de relação entre universos.

No entanto, ir tomando consciência desses aspectos me fazia e faz pensar: *serei eu capaz de alcançar verdadeiramente a importância do brincar para as crianças?*

Proponho-me a acompanhá-las e deixar que me mostrem com todo seu empenho de vida, sua importância.

Esse brincar que é da criança, começa com ela, é construído por ela e continua com ela, se encerra por ela. Um brincar que Sandra Eckschmidt (2015), denomina brincar livre, incluindo a importância da aproximação de observar e receber o que as crianças gratuitamente nos permitem aprender:

Brincar livre é um impulso que nasce da criança, sua criação e expressão, e que nós, educadores, precisamos aprender a observar para compreender um gigantesco potencial humano – de criação, imaginação, humanização. A escola precisa transformar sua percepção, seu paradigma, para incluir em seu cotidiano o espaço, o tempo, os materiais, e as relações para o que estou aqui denominando de brincar livre. (ECKSCHIMDT, Sandra. 2015, pg. 07)

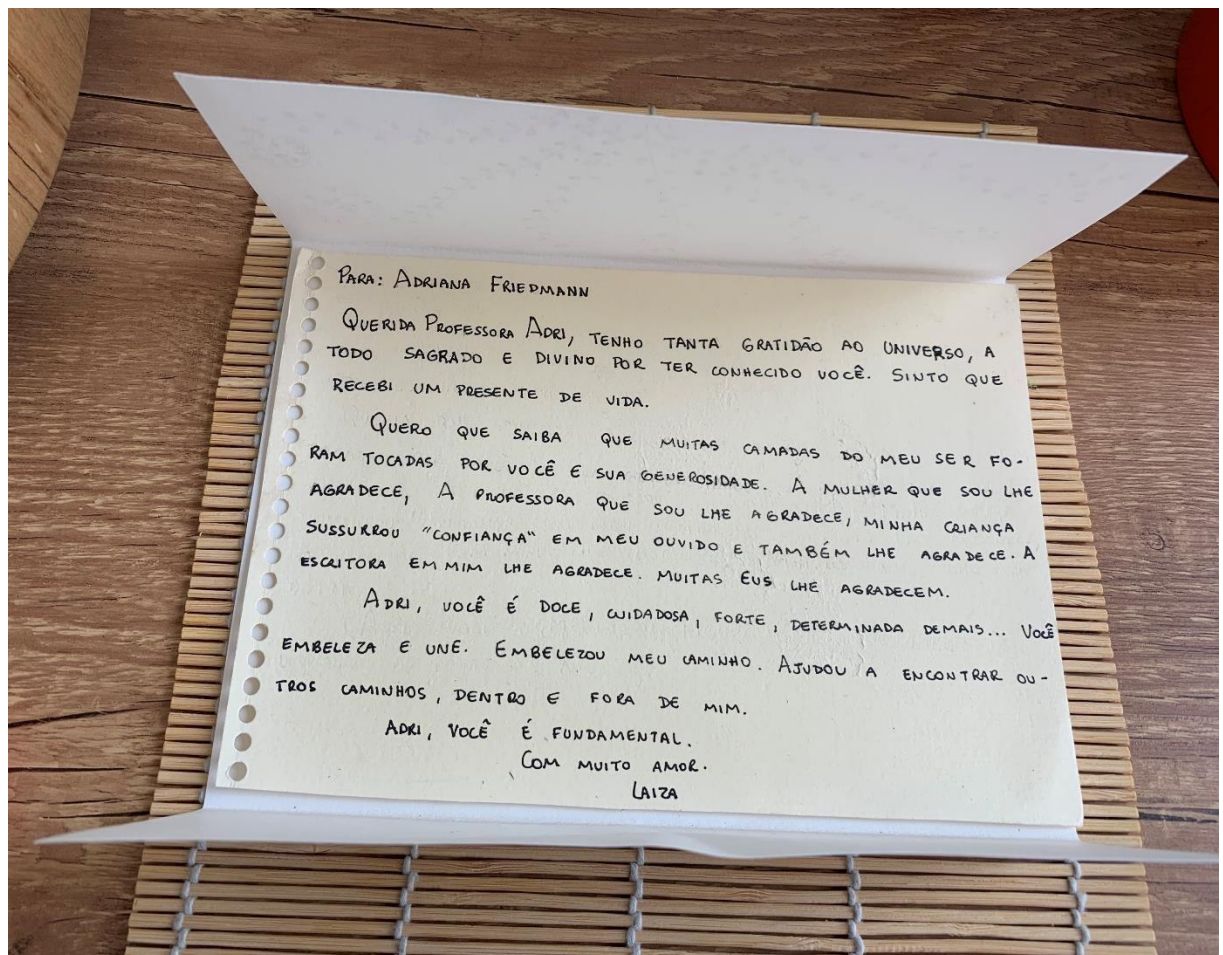
Sobre esse brincar que vai ganhando consistência, conexões e espaço nos meus pensamentos, busco acrescentar mais algumas camadas com palavras de FRIEDMANN, (2020, p.75,76):

O brincar, singular e único de cada criança, de cada brincadeira, de cada jogo e em cada grupo, diz de forma não verbal sobre os seres humanos, movimentando-se, penetrando diferentes culturas. O brincar constitui uma linguagem, é a necessidade vital das crianças e oferece a oportunidade de se expressarem espontaneamente a partir de seus potenciais individuais.

Assim, reconheço que o brincar de cada criança é único e que em cada brincadeira a singularidade se refaz. Uma linguagem que permite adentrar o universo um do outro e juntos construir um novo universo para aquele instante.

Amanhã tudo será novo de novo.

Carta para Adriana Friedmann



2 INTRODUÇÃO 2.1 Os sinais que levaram à pesquisa.

Quando alguém se propõe a acompanhar crianças em suas descobertas, não imagina que poderá se tornar o grande obstáculo dessas aventuras. Gosto de pensar que nenhum educador ou educadora, cuidador ou cuidadora se prepara para essa caminhada ciente dessa função. No entanto, pode acontecer e pode ser tão cruel quanto parece. Explicarei melhor, pois foi essa experiência que gerou o problema de pesquisa em mim.

Lá estava eu, preparada para conhecer as 29 crianças de três e quatro anos que acompanharia por 60 minutos de segunda a quinta-feira e 110 minutos às sextas-feiras. Sei que o tempo era curto, mas com criatividade e sensibilidade para perceber o que queriam e quem eram, acreditei que viveríamos boas experiências. Isso seria possível, não fosse por um almoço exatamente meia hora depois de minha chegada.

Encontrava as crianças às 10h00, saíamos para a higiene às 10h25', almoçávamos às 10h30', escovávamos os dentes às 10h50', às 11h00 me despedia, tudo cronometrado.

Felizmente esse tempo de alimentação nos uniu, pois a coreografia do almoço dependia de todos nós, e quando sentávamos juntos, podia ouvi-los e me aproximar de seus universos. Esta pausa também trouxe meu grande desafio de chegar, trocar poucas palavras com a colega que se despedia e olhar no relógio para saber se tínhamos vinte ou vinte e cinco minutos para qualquer proposta.

Todos os dias, sem pular nenhum, meninos e meninas pediam para ir ao parque. Me esperavam e eu os levava. Todos esses dias, saía da sala com um peso enorme nos ombros, confesso que algumas vezes não os levei, tamanha tortura me causava. Passei a contar o tempo minuto a minuto, pois sabia da minha pior tarefa, aquela que traria os olhares mais devastadores e incompreendidos... eu interromperia o brincar de cada um.

Às quintas-feiras, os encontrava na brinquedoteca, minha função era ajudá-los a organizar o espaço e, mais uma vez, a tarefa era interromper. Apenas às sextas ficávamos juntos por quase duas horas, era o dia da areia, o melhor e mais esperado dia da semana. Era chegar e não perder tempo, tirar os sapatos e

aproveitar o máximo possível. O tempo podia ser de apreciar e estar junto, e eu gostava de olhar no relógio e pensar, “ainda temos tanto tempo!”. Claro que os dias de chuva, frio e falta de limpeza do ambiente eventualmente nos afastavam do parque de areia, mas o tempo ainda era nosso e brincar era primazia.

As companheiras de turma e eu, por vezes, tentamos reorganizar a rotina junto à gestão e docentes, mas os esforços foram em vão. Então passei um ano letivo interrompendo processos de relação, criatividade, construção, emoção, de vida.

Nenhuma sexta-feira foi suficiente.

Diante dessas experiências cotidianas, me vi provocada intimamente, como profissional e humana, que em suas funções contraria toda uma proposta curricular de escuta às necessidades primeiras das crianças e não conseguia lhes oportunizar escolha e liberdade, fossem elas individuais ou coletivas, pois não havia princípio democrático na condução desses momentos. Apesar de meus esforços, não pude mudar a rotina, apesar de todo cuidado em chamá-las aos poucos, avisar quando o tempo se esgotava, não podia esticá-lo. Então, passei a estar cada vez mais atenta e inteira para planejar o final.

Este estado de tensão ativou muito meus sentidos e me revelou gestos e atitudes, detalhes desse rompimento ou parada não desejada. Falas, movimentos, olhares... Algumas diziam: “vamos, prô! Eu tô indo!”, ao mesmo tempo que corriam para mais uma balançada, mais uma escorregada, para recolher a última flor, lançar a última pedrinha... fala e gesto estavam descombinados. Outras traziam choro, birra, raiva, perda, protesto e decepção. Era preciso investigar, mergulhar, observar. Não podia ignorar os sinais desse momento de ruptura, tão banalizada no dia a dia. Assim surgiram as questões que norteariam essa pesquisa: O que acontece quando o brincar é interrompido? Quais as reações pontuais dessas crianças? Como finalizam a brincadeira? Realmente finalizam? Elas desorganizam os brinquedos ou os mantêm? Em dias seguintes retomam essas narrativas? É possível antecipar essa interrupção fazendo combinados? O que as crianças pensam sobre essa interrupção? Quais suas possíveis ideias para esse momento? Essas perguntas grudaram em mim, e eu acolhi. Acolhi, pois era preciso saber mais e porque senti que o movimento de força das crianças para continuar era por vezes suprimido pela rotina, pela relevância da atividade, pela não autorização, pela escolha firme do conduzir e não do acompanhar e enfeitar o caminho juntos.

Maria C. S. Barbosa (2013), descreve essa intensa pressão da rotina rígida e sistemática que em nada considera as necessidades, ritmos e processos infantis, quer individuais ou coletivos:

A regulação temporal que caracteriza a vida contemporânea com a tríade produção-acumulação-consumo atropela e desapropria o tempo da vida. Para dar conta dessa regulação são construídos nas escolas artefatos como cronogramas, horários, rotinas, que, ao invés de organizar o coletivo, mais o controlam. Um tempo que é visto apenas como tempo cronológico, linear, sequencial. Todo o tempo investido livremente pelas crianças nas coisas que lhes dizem respeito, nas coisas que as afetam, naquilo que as desafia, que as distingue, se não tiver uma produção objetiva, é visto como perder tempo. Portanto, o que encontramos nas escolas infantis é a presença desse tempo característico das relações capitalísticas, que brutaliza a vida cotidiana e empobrece a experiência da infância. Um sentido de *tempo que apenas passa*, cumprindo o ordenamento da produtividade.

(BARBOSA,

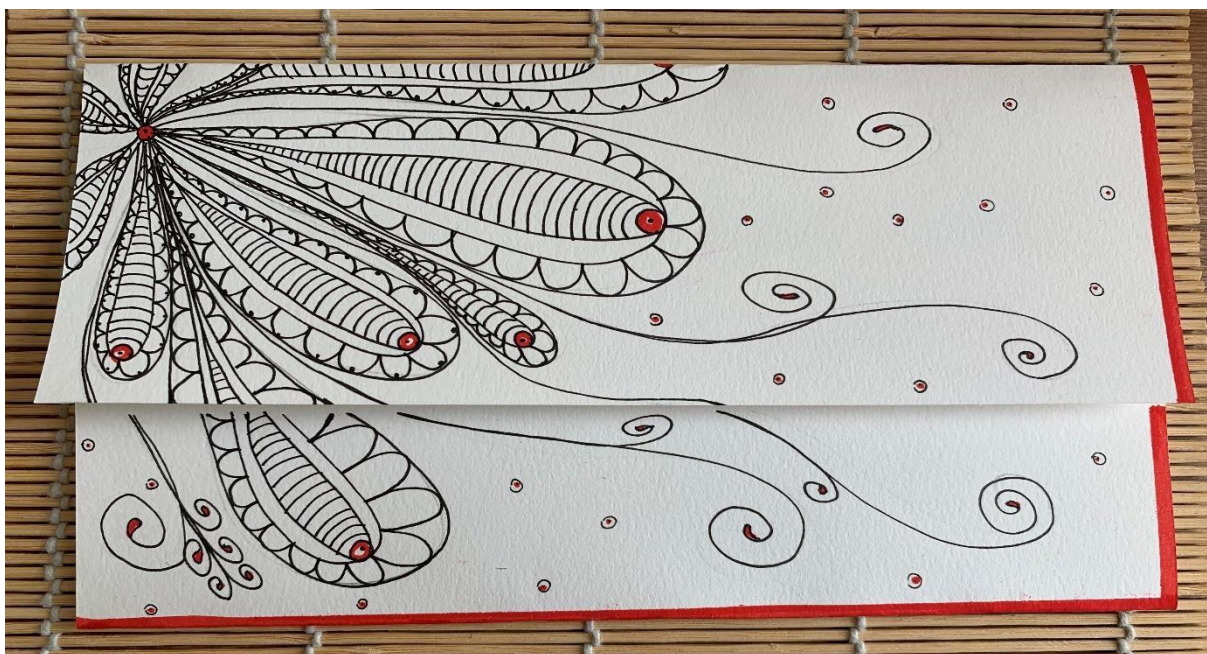
Maria, 2013 pg. 216)

O que me gerou perplexidade ao notar que em nenhum dos dias dos quais estive com meninas e meninos tão incríveis, eles fizeram a escolha de parar. Nenhum deles jamais decidiu parar. Se isso não era um sinal o que mais poderia ser, não é mesmo?! Foi algo que aprendi, todos eles podiam ter a escolha legítima de continuar e estava explícito no movimento do brincar, na pressa que começou a se fazer para aproveitar isso ou aquilo do parque. Nenhum de nós perguntou a eles: o que você quer fazer agora? Porque mesmo já sentindo certo vazio em suas barrigas, arrisco-me a dizer que a fome do brincar, da liberdade do corpo, da curiosidade, da descoberta e da invenção, do desafio e da solução, do medo e da coragem, da tentativa, do acaso, do diálogo possível e livre, da frutinha, do bichinho, da água e da lama, da seiva, da força e da areia, do suspenso, da firmeza, da velocidade, do

tempo não passando, do grito, do segredo e do cochicho... era urgente. Muita fome para vinte e cinco minutos, mas é também muita fome para qualquer tempo, pois me parece que todo o tempo é do brincar, dessa vida de achar tatu-bola debaixo das pedras úmidas. Desses alimentos que mantêm a vida, que são do humano.

Me apego às palavras de Schiller, na tradução encontrada na contra capa do livro "As origens do brincar" de Éva Kálló e Györgyi Balog (2017) "*O ser humano só brinca quando é um ser humano no sentido pleno da palavra e é plenamente ser humano quando brinca.*"

Carta às crianças que acompanhei e que me acompanharam.



PARA: TODA TURMA DE 2019

QUERIDA TURMA QUE ACOMPANHEI E QUE ME ACOMPANHOU EM 2019, NOSSO TEMPO FOI TÃO POUCO E PASSOU TÃO RÁPIDO. TENHO SAUDADES... QUERO CONTAR QUE TODA SUA INSATISFAÇÃO, DESEJO E PERSISTÊNCIA MOVIMENTARAM MUITO DENTRO DE MIM. VOCÊS ME MOSTRARAM COM SEUS GESTOS, OLHARES... QUE O BRINCAR É ALGO AINDA MAIS PROFUNDO DO QUE EU PENSAVA. ESSE TANTO DE PALAVRAS E EXPERIÊNCIAS TÊM TUDO A VER COM VOCÊS.

OBRIGADA POR NÃO SE SATISFAZEREM COM POUCO.

PROFESSORA LAIZA

2.2 Caminhos metodológicos.

Consideramos o brincar um fenômeno que se manifesta em expressões, linguagem genuína, impulso de vida. Entendo também que seu tempo não se mensura pelo contar dos relógios ou das rotinas estabelecidas, no entanto, o fluxo dos movimentos de muitas crianças ainda é pautado por essa organização, principalmente nas unidades educacionais. O que nos coloca diante desse paradoxo e nos mobiliza a ouvir o que as crianças têm a dizer sobre isso? Como sentem a descontinuidade de suas ações e como revelam a nós, educadores, cuidadores, pessoas que acompanham seus pensamentos, emoções, sentimentos frente ao brincar interrompido?

Na tentativa de me aproximar das expressões e reações das crianças frente ao brincar interrompido, foi preciso estar com elas, em seus espaços e suas brincadeiras. Também estive com minha criança interior, sua voz e suas imagens. Uma pesquisa de cunho antropológico, na qual a escuta e observação poderia revelar gestos e narrativas desses momentos, sinais de suas experiências.

Para trazer luz ao conceito de antropologia, recorro as palavras da antropóloga Adriana Friedmann:

Para início de conversa, é preciso entender o que é antropologia: uma ciência social que estuda os seres humanos e, com base em um olhar sensível, orgânico, “microscópico”, observa seus comportamentos gestos, expressões, culturas, rituais, linguagens e temperamentos, manifestações que acontecem no cotidiano dos diversos grupos. (FRIEDMANN, Adriana, 2015, pg. 37, 38)

Essa seria também uma grande aventura, a de construir essa pesquisadora, esse olhar, essa escuta enquanto se vive a experiência da observação e da escuta. Perceber a importância de relatar o outro, de descrever o outro, de dizer o outro, enquanto sente o que este lhe provoca, lhe remete, lhe ensina e o quanto de si se fixa nas letras e imagens que tingem o papel. Um sujeito junto de outros sujeitos, vivendo e se permitindo dedicar profunda atenção para, num determinado momento,

trazer a palavra. Palavra esta que se movimenta num fluxo de tempo não linear, fica entre um ir e vir, se mistura nas infâncias, nas perguntas, nos tempos. Palavras insuficientes para relatar o mergulho nesses universos. Palavras de resgate para a realidade, pois somente diante da escrita algumas descobertas vieram à consciência, assim se fazendo vivas, não porque não fossem antes, mas porque no instante da escrita, se revelaram.

Para lançar esse olhar escolhi o CEI Vereador Rubens Granja, principalmente por atenderem bebês e crianças bem pequenas, as quais nunca acompanhei como professora, o que de antemão promove um afastamento dos vícios que sabemos carregar, tendenciosos a definições e julgamentos. O primeiro contato se deu com a coordenadora Natalia Tazinazzo, a qual se responsabilizou por dialogar com os professores da Unidade sobre a pesquisa e mediar visitas. Num segundo momento, conheci as gestoras Letícia e Magnólia e aos poucos os docentes.

A princípio definimos que três crianças seria um número relevante e que a pesquisa de campo duraria um mês, sendo uma semana observando cada criança. Não estabeleci critérios para escolha desses pequenos, pois considero cada e todo brincar importante, apenas decidi que seriam de agrupamentos diferentes para garantir diversidade de rotinas. O que nos permitiu a seleção de Ryan, Lívia, Antony e mais tarde (como um presente), Breno. Foram alguns sinais que chamaram o olhar naquele momento e dialogaram especificamente com a necessidade de ver mais o que se apresentava. Para esta escolha, estive em cada sala, não podia prever se saberia no começo ou no fim, se escolheria ou seria escolhida, aceitei a surpresa e o inesperado. Desejei o olhar descrito por Adriana Friedmann (2015), quando trata dos olhares *atentos* “*Olhar antropológico, olhar pesquisador, olhar curioso, olhar inquieto. Olhar do olho, do corpo, do coração e da cabeça. E tantas emoções e pensamentos abrindo espaço dentro do nosso ser.*”

A fim de respeitar o espaço dessas crianças, mesmo com aval dos professores para acompanhá-las, o primeiro passo de cada dia seria apresentação clara de mim e das intenções de observação, assim lhes pedindo autorização para estar ali. Fico feliz em dizer que fui muito bem recebida.

Ao final das escolhas, enviamos por escrito uma carta explicativa às famílias, lhes informando nossas intenções, pedindo autorização para acompanhar suas crianças e caso necessário realizarmos filmagens e fotografias.

Para registro das observações foi utilizado diário de bordo, fotografias dos espaços, pesquisa no Projeto Político Pedagógico da unidade. O acesso ao PPP e fotos tiradas do CEI foram autorizados pela coordenadora Natália.

Nesse encontro de coautores, dessa escrita feita por mim, pertencente a todos, apesar dos termos de autorização, uma lacuna não foi preenchida, não houve tempo de pedir autorização às crianças para usar seus verdadeiros nomes e escrever sobre os processos que presenciei. Me apego ao artigo “Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças” de Sônia Kramer (2002). E fico com a indagação: devo colocar seus nomes, mesmo elas não tendo conhecimento do conteúdo que se faz aqui? Não seria a primeira vez que me encontrava neste dilema, no entanto a consciência dessa necessidade precisa ser afirmada e reafirmada. Apesar dos esforços para que essa autorização e acesso se realizasse, relato que fomos impedidos pelos tempos de quarentena ao qual fomos submetidos como medida emergencial protetora devido ao corona vírus. O encontro com toda a dignidade que se confere a quem se permite ser observado, não se concretizou, contudo, ainda assim, opto por usar seus primeiros nomes, lhes conferindo coautoria, identidade e condição de sujeito. Decisão para a qual busco apoio nas palavras de Kramer (2002, pg. 47)

“Desde os trabalhos de campo e na elaboração dos primeiros relatórios, emergiu a necessidade de uma narrativa direta, na qual os sujeitos aparecessem nomeados. De antemão recusamos alternativas tais como usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou primeiras letras de seu nome, pois isso negava sua condição de sujeitos, desconsiderava sua identidade, simplesmente apagava quem eram e as relegava a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orientava a pesquisa.”

Ressalto o cuidado que a autora descreve como passo importante nas decisões, a postura aqui adotada está totalmente ligada ao compartilhar da autoria dessas palavras e isso não seria possível sem mencioná-las dessa forma.

Ainda sobre as autorizações, durante o tempo que estive na escola, recebi em mãos apenas a autorização de Lívia, o que nos levou a estratégia de ligar para as demais famílias pedindo confirmação, uma vez que já estavam em posse do documento. Nessa segunda tentativa de contato, a coordenadora Natália recebeu confirmação para Antony, Ryan e Breno.

Dos cinco encontros com cada criança, foram possíveis apenas um com Lívia, um com Ryan, dois com Antony e dois com Breno.

3 ENCONTROS

3.1 CEI Vereador Rubens Granja, um espaço que acolhe.

A busca por um espaço para a pesquisa se encerrou quando entrei em diálogo com Natalia Tazinazzo, atual coordenadora da CEI Vereador Rubens Granja, colega de prefeitura que com muita força, um tanto de livros, muito de Paulo Freire, um punhado de poesia e os pés no chão de Manoel de Barros, vem fazendo um trabalho que busca dignidade, liberdade, justiça, democracia, equidade, vozes, leveza... Na rede pública de São Paulo temos esses acontecimentos, encontros e desencontros. Assim é com a *Nati*, de tempos em tempos, nos encontramos em cursos, palestras, eventos. Expliquei a ela minhas intenções de pesquisa e combinamos um dia para conhecer a creche e mostrar um pouco da minha escrita, as palavras que carregam meu olhar sobre as narrativas do cotidiano acompanhando os pequenos.

Nesse primeiro encontro conheci Magnólia, atual assistente de direção e Letícia, atual diretora, que me receberam com respeito e carinho. Novamente expliquei as intenções de pesquisa e entreguei os registros de observações referentes ao ano anterior. Enquanto as gestoras liam, fiz um passeio pelo prédio com a coordenadora. Conforme passávamos pelas salas, ela pedia licença, entrava e me apresentava, retomando com as educadoras e educadores o que já tinham conversado sobre o trabalho que eu pretendia. Apesar de não saberem exatamente o tema da pesquisa, todas e todos traziam alguma ideia. Nesses encontros, senti um olhar muito delicado para o espaço do docente e também para comigo, soube que haveria uma ponte confiável nesse processo. Também notei igual respeito pelo espaço das crianças, suas narrativas não foram interrompidas por conta de minha presença, apenas a atenção de alguns adultos era chamada para me conhecerem.

O CEI Vereador Rubens Granja está situado em Americanópolis e, como descrito no Projeto Político Pedagógico, foi criado em 1987, recebendo o nome de Creche Municipal Vila Santo Afonso e em 1988 denominado com o nome atual. A Unidade está próxima da unidade básica de saúde Jardim Miriam I, unidade básica de saúde

jardim Miriam II, CEU Alvarenga, EMEI Alexandre correia, CEU Caminho do Mar, JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube), EMEF Carlos Augusto Q. Rocha. Os eventos dos CEUs e ateliê são divulgados pelo blog da creche.

Em detalhes do PPP:

CEI Vereador Rubens Granja - Diretoria Regional de Educação de Santo Amaro. Rua Santa Cruz do Rio Pardo, nº 252 CEP: 04411-120— Americanópolis – Telefone: (11) 5621-0756 Distrito Cidade Ademar E-MAIL: ceirgranja@sme.prefeitura.sp.gov.br. Data de início de funcionamento: 11/06/1988 Data de inauguração: 04/06/1988 EH: 16.31.00.000.400.000 EOL: 400.223. Horário de funcionamento: 7h às 18h Decreto de criação: nº24.765 de 15 de outubro de 1987. Seu nome originário foi Creche Municipal Santo Afonso. Decreto de Alteração: nº25. 968 de 25 de maio de 1988. Passa a se chamar Creche Municipal Vereador.

Ainda segundo o PPP, a comunidade é bastante diversa, atendendo 152 bebês e crianças pequenas entre um e quatro anos. Sobre algumas especificidades:

Nossa comunidade costuma frequentar parques, shoppings, clubes, chácaras, casas de familiares, praças, bibliotecas, cinema, espaços de música e leitura, parques aquáticos, restaurantes, sorveterias, praias, campos e quadras, pontos turísticos e locais de viagem, lanchonetes, igrejas.

As religiões praticadas em nossa comunidade, segundo as famílias são: cristã, evangélica, espírita, católica, umbandista. Há aqueles que tem fé e não frequentam nenhum espaço específico e famílias que não acreditam em Deus.

Segundo uma pesquisa feita pela escola, realizada com as famílias questionando o melhor dia para eventos, 90% preferiu os finais de semana, o que nos leva a supor que se trata de uma comunidade trabalhadora, com maioria dos cuidadores e responsáveis nesta ocupação durante a semana em horário comercial.

A unidade conta com 26 docentes, 4 agentes de apoio, atendendo a onze agrupamentos entre bebês e crianças:

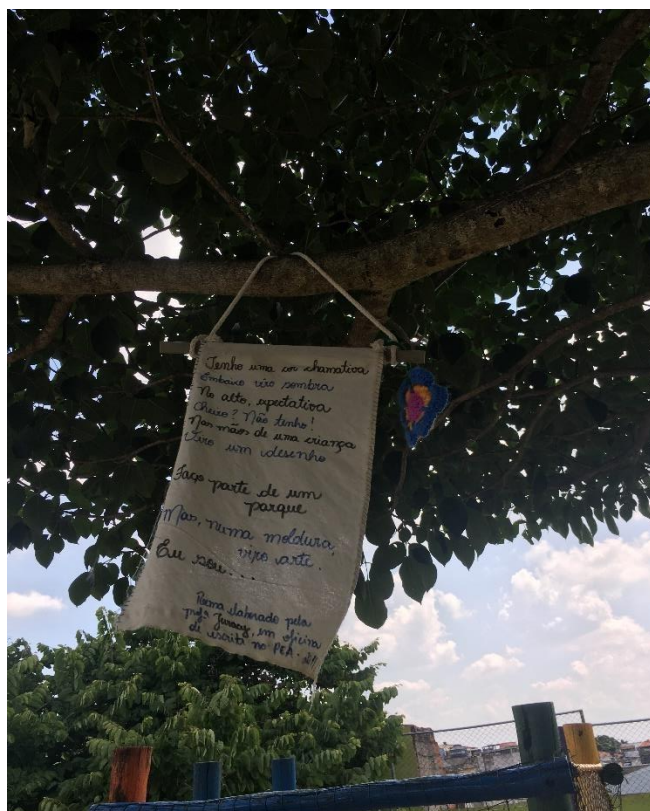
Tabela 1: Agrupamentos dos bebês e crianças

TURMA	SALA	QUANTIDADE
BIIA	01	9
BIIB	01	9
BIIC	02	9
BIID	02	9
MGIA	06	11
MGIB	06	11
MGIC	07	11
MGID	07	11
MIIA	03	24
MIIIC	04	24
MIIID	05	24

fonte: Projeto Político Pedagógico - CEI Vereador Rubens Granja (2020, p.87)

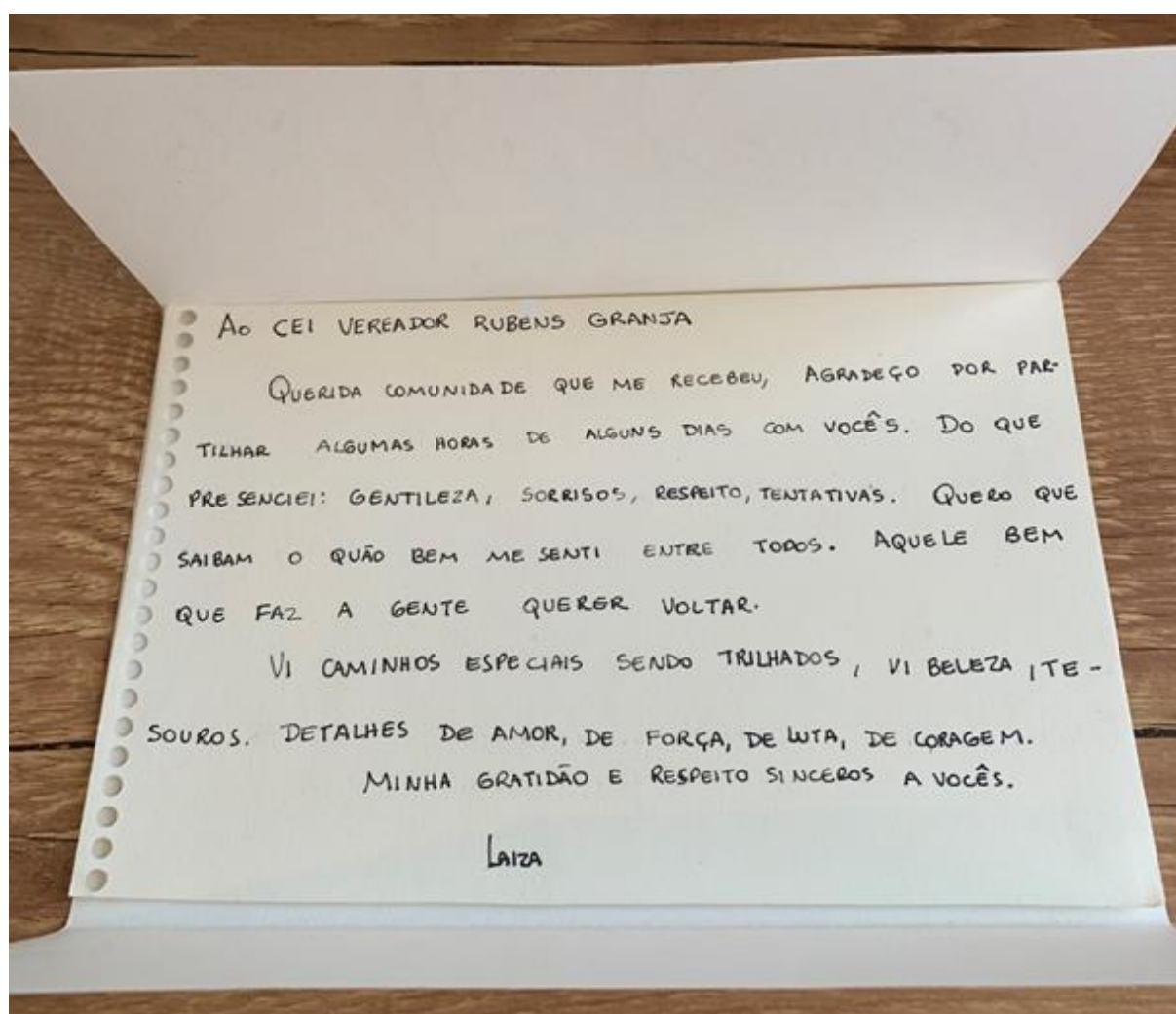
As turmas em menor número são reorganizadas em um grande grupo, assim educadores e educadoras responsáveis se apoiam no atendimento.

Alguns tesouros do CEI



Fotos tirada por Laizane oliveira – corredor e parque

Carta ao CEI Vereador Rubens Granja



Ao CEI VEREADOR RUBENS GRANJA

QUERIDA COMUNIDADE QUE ME RECEBEU, AGRADEGO POR PARTILHAR ALGUMAS HORAS DE ALGUNS DIAS COM VOCÊS. DO QUE PRESENCIEI: GENTILEZA, SORRISOS, RESPEITO, TENTATIVAS. QUERO QUE SAIBAM O QUÃO BEM ME SENTI ENTRE TODOS. AQUELE BEM QUE FAZ A GENTE QUERER VOLTAR.

VI CAMINHOS ESPECIAIS SENDO TRILHADOS, VI BELEZA, TE-
SOUROS. DETALHES DE AMOR, DE FORÇA, DE LUTA, DE CORAGEM.
MINHA GRATIDÃO E RESPEITO SINCEROS A VOCÊS.

LAIZA

3.2 Incertezas

Aos dois de março fui recebida novamente pela Coordenadora. Conforme combinamos, a cada dia acompanharia uma das três turmas de dois e três anos para conhecê-las. Assim, com sorte, poderia ser escolhida por algumas dessas crianças ou identificar sinais que as tornassem parte dessa investigação sobre o brincar.

Lembro-me de sentir e pensar: “Essa experiência de pesquisa já me coloca em situação de expectativa diante do incontrolável, faz sentir que o caminho vai se fazer a cada passo. Afinal, como estabelecer critérios para decidir por três dentre mais de setenta crianças?” Assumi que buscaria um brincar que se conectasse com esse processo se construindo, que dentre todas as bonitezas do brincar que se fariam diante de mim, algumas delas acessariam minhas intenções. Seria o início do caminho de ver e de perceber. O início do caminho na busca de ver que Renata Meirelles nos provocou numa tarde de sábado, em aula online, da pós cujo trabalho de conclusão se faz aqui: *“O que eu não vejo quando eu vejo?”*

Apesar de minhas experiências de observação com as crianças que acompanho na Unidade onde trabalho, caracterizo essa pesquisa como algo completamente diferente. Não conheço as crianças pequenas que serão alvo desse olhar, não sei se os poucos dias que teremos serão o suficiente para construirmos um vínculo ou relação de confiança. Eu não sei.

Em conversas com a coordenadora também fiquei sabendo que o parque amado pelas crianças estava aguardando manutenção de corte da grama, o mato alto que até virou projeto devido à curiosidade dos meninos e meninas, impedia o brincar naquele espaço e impedia um dos caminhos que eu pretendia observar, pois é nesse espaço amplo que geralmente acontecem encontros entre turmas, onde o tempo é alargado, onde as crianças de espalham, se escondem, vivenciam maior liberdade. Tal circunstância levou os educadores a criar uma rotina que permitisse tempos de brincar nos demais espaços da unidade.

4 RELATOS – DIÁRIO DE BORDO

4.1 De ser surpreendida pelo brincar - Ryan

A professora da turma informou que todos ficariam no refeitório, onde tomavam café, pois queriam brincar de massinha e que lá poderia me apresentar. Ela chamou a atenção de todos e avisou que eu gostaria de falar algo. Então eu disse: - *“Bom dia! Eu sou Laiza e vim visitar vocês, tenho muita vontade de conhecê-los, saber do que vocês brincam e o que acontece quando acaba. Posso ficar com vocês? Posso ficar olhando vocês brincarem?”* Muitos disseram sim, outros perguntaram: - *“Você é professora?”* imediatamente respondi que era professora de outras crianças, em outra escola e que estava ali porque queria muito vê-los brincar, então, novamente perguntei se poderia ficar pertinho olhando as brincadeiras. Quase todos responderam que sim, faltou um que já estava completamente imerso em seu brincar e não podia mais dividir sua atenção, mesmo com as tentativas da diretora que passava por ali. Então eu disse a diretora que me sentaria ao lado dele e que conversaríamos sobre o assunto. O que aconteceu logo que ele me convidou para brincar. Eu tinha a primeira autorização das crianças para estar ali e enfim acompanhá-las.

Nas duas horas que passei com essa turma, estivemos em quatro lugares que propunham vivências diferentes. A primeira, como relatei acima, foi a brincadeira com massinha, nas mesas do refeitório. Fizemos comidinhas, animais e bolinhas. Eu observava e quando me solicitavam, participava das suas construções. Durou em torno de 20 minutos e então fomos para a sala da turma. Vale dizer que as salas dessa creche são estreitas e compridas, com uma porta que dá para um solário compartilhado com a turma vizinha. Apesar do solário, certamente são pequenas para as 24 ou 25 crianças que as ocupam. Essa em particular, em seu mobiliário conta com colchões, ganchos para mochilas na parede, a mesa das professoras e um armário de alvenaria com materiais, brinquedos, filtro de água.



Foto tirada por Laizane Oliveira – sala de vivências

Ao chegarmos, a professora perguntou com que queriam brincar, alguns meninos responderam “*homem de ferro*”, então ela pegou uma caixa com brinquedos e espalhou. Me sentei perto dos pequenos para vê-los, mas fui praticamente monopolizada por uma garotinha, que além de sentar no meu colo, me envolveu em sua brincadeira de mamãe e filhinha sem permitir que outros se aproximassem. A maioria reagiu de acordo, pois não ousavam se achegar, claramente sabiam muito sobre ela. Nesse momento de brincar fiz algumas interferências em situações de conflitos e ajudei a professora quando solicitado. Demorei um pouco de tempo para perceber que construía uma imagem de mais uma professora, supervisionando e dirigindo-os. A missão de não interferir e observar sem julgamentos tinha falhado e, apesar dos diálogos, ainda não tinha uma escolha, nem me sentia escolhida. Seria preciso rever toda minha postura, retomar a ideia de afastamento, silêncio e inteireza, estar presente com todos os sentidos, silenciar e me colocar como companheira de suas aventuras. Frustração. Lembrei-me da experiência de Sandra Eckschmidt, relatada com sensibilidade em seu livro “NDIPHILILE: Eu estou viva!” Das dificuldades frente toda diversidade cultural, da língua, do novo que se apresentava e de como era preciso assumir uma postura silenciosa. Imediatamente percebi que era preciso compreender meu papel nessa pesquisa.

A dificuldade de acompanhar as narrativas das brincadeiras das crianças fez com que o silêncio fosse se fazendo presente. Tal silêncio não se referia a falar menos, mas era mais do que isso: era a construção de uma postura mais silenciosa frente aos fatos externos. Precisei de tempo para sair do papel de falar, de perguntar, de querer entender e opinar. (ECKSCHIMDT, Sandra.

2015, pg. 15)

Já se passara metade de nosso tempo e a pedido da professora Tainã a turminha começou a guardar os brinquedos. Foi aí que vi no meio de um monte de pezinhos o pequeno Ryan, com um olhar compenetrado segurando seu brinquedo. Não sei dizer se não tinha ouvido a orientação devido a concentração de seus movimentos e olhar, ou se somente não podia parar. Toda a movimentação do entorno não lhe incomodava, estava sereno, mexia as mãos, investigava o objeto, estava inteiro. Quando um dos colegas o interrompeu, chamando para guardar, quase lhe tirando o brinquedo, vi seu olhar de confusão e decepção, fez uma observação geral do espaço, deixou seu corpo seguir o fluxo do grupo. Ele ouviu que iriam ao corredor e se animou. O Corredor é comprido e largo, tem motocas, escorregador de plástico, tipos de gangorras ou balanços de plástico em formato de jacaré e cadeiras.



Fotos tiradas por Laizane Oliveira - corredor

Chegando ao corredor, me posicionei próximo ao Ryan e fui presenteadada com seu brincar. As cadeiras eram o alvo de sua construção e foi possível ver em seus olhos que em pouco tempo tinha um plano. Pesquisava o espaço e as movimentava, criando um cercadinho junto a parede. Dentro do cercadinho colocou mais três cadeiras enfileiradas e se sentou na primeira, quem passava por ali, sem convite ou anuncio, entrou e se sentou nas demais. Ryan começou sua viagem. Ele usava o encosto da cadeira do cercadinho como volante e pilotava, fazia sons e olhava para trás. Cada um estava num movimento diferente, o último também dirigia virado para o outro lado. Todos se entenderam e brincavam juntos sem trocarem uma palavra. De repente algumas crianças de outra brincadeira foram tirando as cadeiras do cercadinho, Ryan olhou com atenção até entender o que acontecia, então, saiu de sua posição e com calma procurou outras para substituí-las. Uma pausa não planejada, mas que lhe obrigou a uma reorganização. Seu corpo todo se voltou para o problema, ele olhou, soltou o encosto, se virou, esperou um tempo, resolveu. Não houve confronto, conflito ou mesmo desistência. Notei perseverança e muita

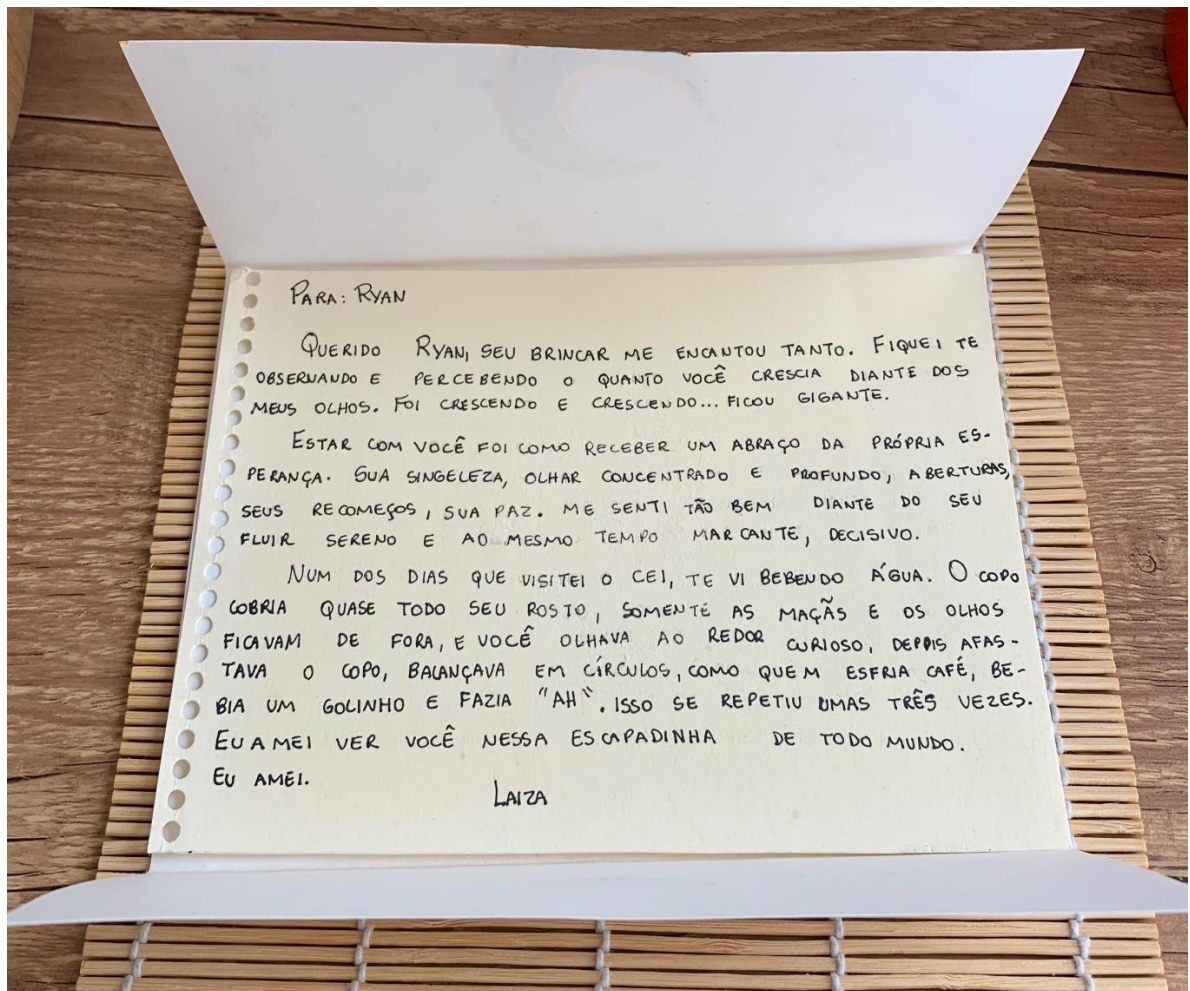
intenção em sua atitude. Ao terminar o cercadinho pela segunda vez, seu lugar estava ocupado e mais uma vez sua reação foi surpreendente, afastou o cercadinho, puxou outra cadeira e retomou a direção. Os três faziam sons e se olhavam, sorriam e se movimentavam, Ryan pode ser o menorzinho da turma, mas a visão de gigante vê além. Poucos minutos depois era hora de ir, a professora dava ordens de arrumar o lugar. Ryan ficou até começarem a retirar suas cadeiras, ele via o cercadinho se desfazer e a principio não se levantava. Sua expressão não era de decepção ou objeção, parecia que estava esperando acabar, por fim, arrumou sua cadeira no lugar e seguiu a turma.



Foto tirada por Laizane Oliveira – cadeiras do corredor

Entive completamente atraída pela experiência de acompanhar Ryan e seu brincar. Posso dizer que senti resiliência e manutenção, fosse pela imersão no brincar, que de alguma forma propunha uma desconexão e construía outras conexões, fosse pelo olhar que de pressa analisava o entorno em busca de reorganizar a brincadeira, ou pela ciência de que outra possibilidade de brincar estava por vir. Também notei que entre esse olhar imerso e o do novo, aconteceu uma pausa, não sei se consigo descrever, mas é uma certa incredulidade do que já se sabe, um momento de deixar o que não se vai.

Carta para Ryan.



4.2 De ser convocada a dar atenção e acolher – Lívia.

A experiência do dia anterior ganhou espaço nos meus pensamentos. Estava claro que ser uma pesquisadora que acompanha de pertinho os sujeitos de sua investigação requer uma postura extremamente comprometida. É preciso se preparar antes, estar alerta durante e acolher cuidadosamente depois. A pesquisadora sensível que respeita as crianças e percebe seus movimentos e narrativas, aceita acompanhá-las e se permite ser tocada e modificada deve ser construída à medida que a pesquisa acontece. Sinto que me descubro pesquisadora e com muito carinho e sensibilidade devo ouvir as crianças, pois desde o primeiro dia já me deram dicas do caminho. Não verei o que está além se não me permitir ir além como sujeito também. Terei que abrir mão dos julgamentos para vê-los genuínos e não contornando minha presença. Neste primeiro encontro abre-se a possibilidade de não apenas obter informações referentes ao problema que norteia essa pesquisa, mas me observo em movimento, em deslocamento, em possível transformação. Não sei se terei quantidade de respostas, mas sinto que estarei diferente diante das perguntas, diante do eu e do nós.

Quem me dera me aproximar da amplitude e profundidade das palavras de Luiza Christov (2016, p.2) ao discorrer sobre o texto acadêmico como escrita experiência,

Uma escrita experiência que narre um encontro de perplexidade com o mundo, com alguma parte do mundo, de mundos. Que conte de um lugar, de um processo, de um produto, de uma técnica. Que articule metáforas, imagens, palavras e conversas, vozes, corpos e textos na busca de um projeto de intervenção/criação de realidades capazes de ampliar direitos, elos, vidas. Que não se expresse por si só como dejetivo, mas que seja texto convite. Mais que objetivo, que se torne um texto que convida para mais: conhecer mais, aperfeiçoar mais, devir mais, servir mais a utopia de uma melhor forma de estar junto.

Cheguei à escola às 09h00, horário conveniente, pois as professoras e professores já teriam passado pelo tempo de formação, chamado PEA (Plano Especial de Ação), no qual estudam, trocam, inferem, iniciam projetos, discutem o cotidiano da unidade

e especificidades da comunidade, das turmas, das crianças, de si mesmos. Esses encontros são mediados pela coordenação e para este ano de 2020 tem como tema principal o Currículo da Cidade, material desenvolvido pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo, que traz diretrizes e orientações norteadoras das ações na Educação Infantil. As crianças também já teriam sido acolhidas e tomado o lanche, que é servido logo na entrada. Assim quando chego estão iniciando as propostas do dia. Neste dia acompanhei a turma das professoras Priscila e Carina, composta por 24 crianças. Natália me levou à sala e pediu licença para que pudessemos entrar, a professora me recebeu e perguntou se eu iria somente observar, respondi que sim e me coloquei próxima às crianças que estavam sentadas no chão. Esta sala me pareceu um pouco menor que a outra, talvez porque além dos colchonetes, havia duas mesas quadradas, algumas cadeiras, a mesa das professoras, o armário de alvenaria e uma caixa no chão. Priscila puxou as duas mesas para o centro da sala e foi acomodando as cadeiras, avisou que as crianças poderiam se sentar, começou a retomar uma atividade que estava em andamento e separar materiais. Devido ao desentendimento de algumas crianças, pois faltavam cadeiras, resolvi buscar mais no refeitório. Após todos acomodados pude ver que esse simples gesto me garantiu olhares agradecidos. Enquanto preparava papéis e tintas, a professora disse que eu poderia me apresentar. Comecei dizendo: *“Oi! Meu nome é Laiza. Gostaria de ficar com vocês, hoje. Eu posso?”* *“Posso ficar olhando vocês brincarem?”* *“Quero conhecer as brincadeiras de vocês.”* Dessa vez tive atenção de todas as crianças e sins em uníssono me alegraram.

Neste dia, desde o início do encontro com as crianças, fui capturada pela presença tão marcante da Lívia. Diferente da maioria das crianças, não ficou me examinando quando entrei na sala e me apresentei pedindo autorização para acompanhá-las, pelo contrário, ela conversava com uma amiga e assim permaneceu. Logo após a apresentação, iniciaram a atividade de pintura e por uma questão de espaço, acabei ficando na mesa da pequena Lívia. Foi nesse momento que pude ouvir sua conversa. Independente das seis outras crianças que ali estavam, ela se dirigia em particular para uma outra menina como sua mãe. Perguntava: *“Mãe, você está gostando de pintar?”* *“Mãe, você quer vermelho? Eu quero vermelho.”* Então a amiga

respondia a ela: *“Oi, filha! Estou gostando. Eu quero vermelho!”* Em todo o tempo da atividade, esse diálogo de mãe e filha acontecia concomitantemente as conversas com as outras crianças. Era algo só delas, constantemente retomado, em muito mantido pela Lívia.

Ao terminarem as pinturas, em pequenos grupos, saíram para lavar as mãos, os acompanhei e novamente presenciei a brincadeira das meninas, *“Vamos, mãe! Vamos lavar as nossas mãos!”* Pensei com um calor no peito, essas duas têm algo especial, que não se pode interromper.

No retorno da higiene a professora chamou as crianças para uma história, todos sentaram-se no chão e ela começou. Era o livro do personagem que estavam conversando antes e todos o conheciam, mas percebendo pouca atenção, iniciou-se o momento de cantar. Enquanto uns cantavam e outros conversavam, percebi que Lívia se afastava devagar do grupo, então com o indicador levado a boca pediu silêncio a sua amiga, se aproximou da cadeira onde estava o livro e o empurrou, fez isso por três vezes até que a professora notasse e chamasse sua atenção. Percebi que Lívia não era uma criança que se deixaria levar por algo que não lhe interessasse, suas ações exigiam uma constante atenção no adulto para manter a brincadeira não vista. Ao término das músicas Priscila os convidou para ir ao solário e foi uma animação só!



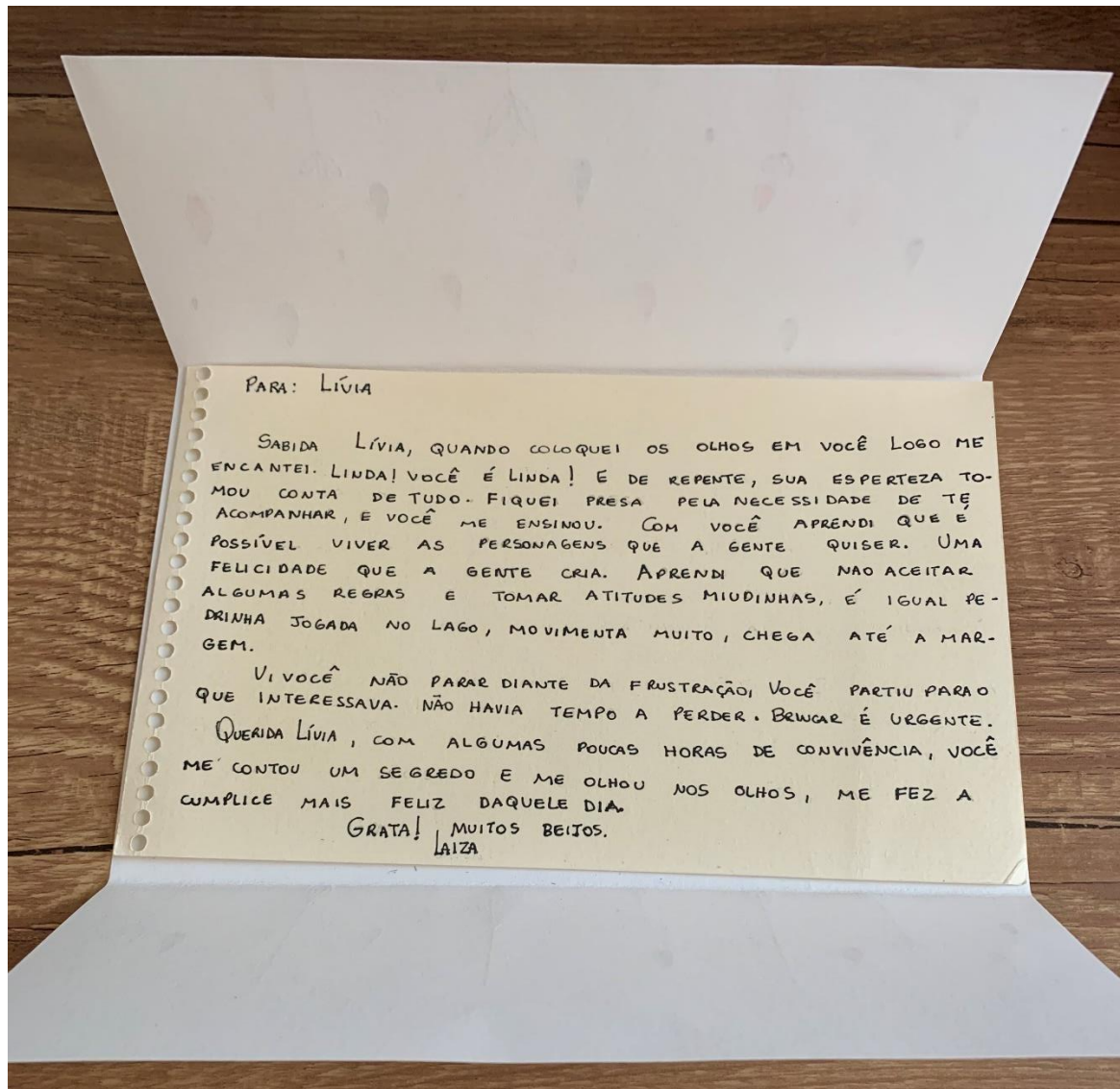
Foto tirada por Laizane Oliveira – solário

A maioria correu para pegar algum item da caixa de brinquedos e me pareceu que de antemão já sabiam o que buscavam, pois rapidamente saíam da sala com no máximo dois brinquedos nas mãos, Lívia escolheu uma boneca e uma mamadeira. Ao chegar no solário encontramos o chão molhado, então corri para chamar alguém que pudesse nos ajudar. Mesmo assim não tivemos sorte, enquanto se secava o chão a garoa começava a cair. Eu, pertinho de Lívia, acompanhava seus passos e “balancinhos”, carregando com cuidado sua bebê. Imaginei que naquele momento ela era a mãe e já não olhava ao redor, olhava apenas para sua filhinha e conversava baixinho com ela, tão baixinho que não pude ouvir. A professora não teve escolha, chamou a criançada de volta para a sala, levou uns dois minutos e decidi que iriam brincar de massinha no refeitório. Era necessário guardar os brinquedos, então vi Lívia olhar ao redor com um olhar parecido ao que vi no dia anterior, uma pausa, um não querer junto com não poder, mas já sabido do que se há de fazer. Ela se senta, acolhe a bebê nos braços, bem juntinho do corpo e ignora o entorno, todos vão contornando-a, a sala vai se organizando e ela vai ficando.

Priscila se dirige ao refeitório acompanhada da maioria, eu que os observava de canto, acabo ficando com cinco que insistem em brincar mais um pouquinho e aproveitam a saída da professora para correr e pular, apenas Lívia permanece sentada. Após alguns minutos resolvo dizer que a professora estava no refeitório oferecendo massinha. Não pedi que parassem ou saíssem, apenas informei, então dois se dirigiram ao refeitório e Lívia me perguntou: “*E eu?*” respondi: “*E você?*” Ela sorriu e continuou brincando. Poucos minutos depois falei mais uma vez que Priscila estava no refeitório e todos saíram, menos Lívia, que novamente me perguntou: “*E eu?*”; respondi: “*E você?*”, sorrindo e balançando a boneca, ela disse olhando bem nos meus olhos: “*Eu estou com você.*” Então notei que entre aquele olhar e essa ação, ela havia se reorganizado e encontrado sua maneira de manter o brincar. Abaixei perto dela e perguntei com carinho: “*O que você quer?*” e ouvi: “*Quero levar ela*”, eu disse: “*Vamos!*” e seguimos para o refeitório. Ao chegarmos, não houve tempo para que pudéssemos explicar, Lívia foi orientada a guardar a boneca e retornar imediatamente. Ela me olhou e perguntei se gostaria que eu a guardasse. A pequena disse que sim e correu para uma das cadeiras ao lado de sua “Mãe”. Assim que retornei, indaguei se podia me juntar a elas e com a afirmativa das cabeças balançando, me acomodei. Sem necessidade de aviso, Lívia diz: “*Eu estou fazendo um bolo, mãe.*” E lá estava a brincadeira de volta, a “mãe” olha e diz: “*Tá bom, filha.*”, sem dar muita atenção, pois está muito mais interessada no que prepara com suas mãos, se esforçando em cortar pedacinhos bem pequenos de massinha. Percebo que esse brincar se trata de um brincar paralelo a qualquer proposta que se fizesse a elas, mesmo que se crie um tempo de distanciamento da interação entre elas, ambas continuam se observando, se encontrando e deixando aparecer nos gestos de entrega do olhar, nos consentimentos, na aproximação, nas palavras, na cumplicidade. Em torno de vinte minutos após o início da proposta, Priscila avisa que é hora de guardar, a maioria começa a fazer bolinhas, uns apenas olham a movimentação, mas permanecem brincando. Lívia e a amiga já sabem o que fazer, a “mãe” diz que já devem guardar e Lívia se coloca em alerta, olha com cautela ao redor e vai juntando os pedaços de massinha numa bola, os separa em duas partes, olha para mim e para sua “mãe” e repete o sinal que fez mais cedo, com o indicador nos lábios ela faz “*shiiiiii*”, entrega um pedaço dentro da caixa de guardar e o outro coloca no cócs da calça, bem acima do bumbum. Qualquer um que passasse de

relance o olhar, veria a bolinha no final das costas, repuxando a calça de malha, mas ela estava certa de que não aconteceria, pois se levanta e age com muita naturalidade. No retorno para a sala, os brinquedos são liberados, todos correm para a caixa, me surpreendo ao ver que Lívia não pega a bebê e sua mamadeira, ela traz nas mãos uma boneca bem pequena com corpo de menina, uma caminha e partes de outros brinquedos. Também pensei que ela fosse se afastar, mas ela puxa a mesa, pega uma cadeira e se aproxima de mim, “*Laiza, essa minha filha. Eu vou cuidar dela!*” Demos banho, carinho e beijos, trocamos a roupa, alimentamos, colocamos para dormir. Notei que sua amiga estava longe em outro movimento de brincar, percebi que entre elas a liberdade de ir e vir nessa relação de “mãe e filha” é respeitada, não presenciei exigências. Em certo momento, outras crianças quiseram brincar comigo, vinham com máscaras para me assustar, então se revelavam e caíam na risada, Lívia me deixou ir, manteve seu espaço por um tempo e depois sentou-se no chão, pegando a massinha das calças, no entanto, ficou pouco com ela nas mãos, pois ao ser notada pelas outras crianças, guardou novamente. Isso aconteceu por duas vezes, na segunda um dos meninos pegou um pedaço, mas acabou perdendo, pois a professora viu e o recolheu. Lívia, observou tudo sem se envolver, estava atenta às ações da professora e depois ao menino que voltou seu olhar para ela tentando dizer que ela tinha mais, mas Lívia levantou-se e agiu novamente como se de nada soubesse, muito tranquila. Nesse momento já estavam atrasados para o almoço, não havia tempo para guardar os brinquedos, então Priscila os chama em voz alta, alguns vão saindo da sala, outros começam a guardar, Lívia e a “mãe” se encontram novamente e ambas saem da sala. Ainda ouço: “*Vamos, Laiza!*”

Carta para Lívia



PARA: LÍVIA

SABIDA LÍVIA, QUANDO COLOQUEI OS OLHOS EM VOCÊ LOGO ME ENCANTEI. LINDA! VOCÊ É LINDA! E DE REPENTE, SUA ESPERTEZA TOMOU CONTA DE TUDO. FIQUEI PRESA PELA NECESSIDADE DE TÊ ACOMPANHAR, E VOCÊ ME ENSINOU. COM VOCÊ APRENDI QUE É POSSÍVEL VIVER AS PERSONAGENS QUE A GENTE QUISER. UMA FELICIDADE QUE A GENTE CRIA. APRENDI QUE NÃO ACEITAR ALGUMAS REGRAS E TOMAR ATITUDES MIUDINHAS, É IGUAL PEDRINHA JOGADA NO LAGO, MOVIMENTA MUITO, CHEGA ATÉ A MARGEM.

VI VOCÊ NÃO PARAR DIANTE DA FRUSTRAÇÃO, VOCÊ PARTIU PARA O QUE INTERESSAVA. NÃO HAVIA TEMPO A PERDER. BRUGAR É URGENTE. QUERIDA LÍVIA, COM ALGUMAS POUCAS HORAS DE CONVIVÊNCIA, VOCÊ ME CONTOU UM SEGREDO E ME OLHOU NOS OLHOS, ME FEZ A CÚMPLICE MAIS FELIZ DAQUELE DIA.

GRATA! MUITOS BEIJOS.

LAIZA

4.3 Ele volta e dá a última balançada – Antony.

No terceiro dia, cheguei dez minutos atrasada, então fui direto para a sala, acompanhada pela coordenadora Natália. O professor Evandro me recebeu e foi dizendo para ficar à vontade. As crianças já brincavam com bonecas, carrinhos, panelinhas, peças de montar e outros. Essa sala é comprida e como as outras, possui colchonetes para o descanso, armário de alvenaria, mesa do docente, ganchos para pendurar mochilas, uma ou duas caixas grandes com brinquedos no chão, lousa de giz, espelho grande de uns 3m², duas mesas quadradas menores para as crianças, de suas belezas, encontramos fotos A4 das crianças, definindo o local de sua bolsa, uma bela planta suspensa, cortina com flores de papel logo na entrada. Todos se movimentavam por esse espaço, alguns sozinhos, a maioria em duplas, trios ou pequenos grupos. Sentei-me num colchão e acompanhei esse movimento, sem me apresentar nesse primeiro momento. Pouco tempo depois, Evandro sinaliza que deveriam guardar os brinquedos, noto que se inicia uma comunicação entre os pequenos, repassando a informação e aos poucos tudo vai sendo levado às caixas organizadoras, cada brinquedo tinha seu lugar. Evandro também informa que vão ao solário e que levará as bolinhas e o balde, mas não podem levar os demais brinquedos, pois os conhece e sabe que depois não vão querer guardar, quem quisesse continuar deveria ficar na sala. Percebo que as crianças o escutam e começam a se organizar de acordo, quem guardava, mas desejava continuar, volta a brincar, alguns que já estavam no caminho para o armário dão meia volta. A escuta das crianças as orientações do professor não me remetem à obrigação, pelo contrário, me parece existir uma comunicação verdadeira de grupo e ele é o mestre. Durante esse guardar e não guardar, também percebo que o percurso se torna fundamental, para uns mais lento, acham um baldinho ou uma cestinha e vão colocando vários pequenos brinquedos, para cada um que se guarda uma “brincadinha”. Outros se reúnem para ir lutando com seus bonecos que, enfim mergulham com força e velocidade na caixa, algumas bonecas são embaladas no colo e deitadas na caixa com carinho, ainda vejo quem engatinha fazendo curvas, desviando dos colegas arrastando seus carrinhos. Vejo aqueles que assumem o papel de Evandro e seguem orientando os demais, trazem gestos, olhares e posturas de quem dirige a ação. Seriam esses, movimentos que indicam que o

brincar não acabou, que esse brincar está fluido e verdadeiro na inteireza das crianças, pois até enquanto param elas continuam? Antes do comando de Evandro eu ainda estava num reconhecimento geral do espaço e dos pequenos, observava os nomes, o que organizavam, os pequenos conflitos, mas não tive tempo de me ater a nenhuma narrativa particular.

Por fim, grande parte da turma segue o professor ao solário, como nas demais salas, há uma porta que leva a este espaço compartilhado com a turma ao lado. Evandro amarra o balde na janela com um pedaço de sacola plástica e derrama bolinhas plásticas no chão, pela organização das crianças, notei que não se tratava de um jogo novo, já era conhecido delas, que se divertiam nas tentativas de acertar o balde. A princípio fico na porta, tentando observar o que acontece dentro e fora da sala, mas logo percebo que não darei conta de aprofundar o olhar em nenhum dos grupos, decido entrar e acompanhar algumas meninas que, sentadas à mesa, organizam panelinhas e comidinhas, no entanto, nesse momento é chegada a hora da fruta (mamão). Evandro convida todos a sentarem-se lá fora para comer e assim nos reunimos ao redor do professor com a bandeja. Conforme vão terminando, devolvem suas cumbucas para a bandeja e retornam a brincar. As meninas, uma vez fora, passam a jogar bolinhas e brincar de pegar. Noto que aos poucos uma e outra criança levava um brinquedo para fora. A maioria respeitava a regra, mas à medida que um levava outro se animava a fazer o mesmo e um terceiro a lembrar a regra. Nesse dia o sol estava presenteando com calor e o espaço era maior, imagino que a possibilidade de correr, caminhar e passear com as bonecas, era atraente demais para não tentar.

Desse solário era possível ver o parque por sobre o muro, curiosidade que fazia meninos e meninas se esticarem e fazer força para se manterem pendurados analisando o mato alto que cobria praticamente tudo.

Passados em torno de trinta minutos, novamente Evandro anuncia o momento de guardar. Dessa vez o grupo está mais dividido, então é preciso que ele caminhe entre todos avisando e, enquanto faz isso, também recolhe as bolinhas do chão. Algumas crianças que estão dentro da sala escutam a comanda, mas continuam o seu fazer. Noto um olhar de cumplicidade entre elas, o que dura pouco, pois assim

que os outros começam a entrar na sala, também começam a orientar e ajudar a guardar. Esse foi um dos momentos de conflito que presenciei, uma das meninas fazia questão de somente ela organizar seu espaço, ela o protegia passando os bracinhos em volta dos objetos e dizia: *Eu guardo!*, *“Deixa que eu guardo!”* o que me parecia fomentar ainda mais o desejo dos outros dois de interferir tentando pegar à força o que ela protegia. No fim, ela recolheu o máximo que pôde e afirmou que os outros poderiam pegar também. Certamente se continuasse em sua estratégia acabaria por não guardar nenhum, pois os outros estavam determinados a lhe forçarem a entrega e se apoiavam. Observei que seu sentimento era de profunda injustiça, ficara magoada, falava alto, usava todo o corpo na proteção, ameaçava chamar o professor, marejou os olhos.

Nesse momento no meio da sala o professor já reunia as crianças sentadas para cantarem, ao mesmo tempo que arrumava um pouco mais o ambiente, ele havia posicionado uma cadeira em frente a elas. Sentei-me no chão e vi quando uma das meninas ocupou o assento e assumiu a cantoria, entre gestos e comandos de organização ela conduzia o momento. O professor a incentivou e usou esse tempo para fotografar algumas crianças que ainda não tinham seu retrato acima do gancho de bolsas. Após algumas músicas e uma pausa, perguntei se podia me apresentar e Evandro apoiou. Eu disse: *“Oi, crianças! Sou Laiza e gostei muito de ficar aqui. Gostaria de saber se posso continuar e olhar as brincadeiras de vocês?”*, aos poucos foram dizendo: *“Você pode sim!”*, *“Pode ficar com a gente!”*. Ufa! Foi um alívio, pois já se passava pouco mais de uma hora que estávamos juntos. Assim que terminei, Lara e Manu reassumiram a cantoria e em poucos minutos Evandro os convidava para assistir um DVD de canções, com o comando de deveriam ficar sentados e a luz seria apagada. De todos, Guilherme não se continha e dançava na última fila de crianças. Ao término do DVD, as crianças foram conduzidas ao corredor, algumas pegaram motocas, outras foram para o escorregador, outras corriam e eu pensava em qual delas que já havia me dado sinais aos quais lançaria meu olhar mais atento. Sentei-me próximo aos jacarés de plástico e esperei, então pouco tempo depois, Antony começou a preparar um espaço especial. Ele estava de costas para a parede, deitou os jacarés de lado e posicionou a sua frente, puxou um fogão fechando seu lado direito e uma cadeira fechando o lado esquerdo. Enquanto

montava, falava que estava ficando pronta sua nave e os apoios de pés do brinquedo à sua frente se tornaram manches para pilotar. Ele balançava com força para frente e para trás, de vez em quando balançava também a cadeira e o fogão, algumas vezes olhava fixamente para frente, outras olhava ao redor como quem buscava alguém ou algo. Após alguns minutos, se levantou e saiu, voltou trazendo brinquedos menores que posicionou com cuidado em sua nave, percebeu um dos meninos por perto e o chamou: *“Vem! Vem brincar comigo na minha nave!”* Ele foi, mas em comandos muito bem explicados; não podia tocar em nada e deveria ficar parado para não desmanchar nada. Apenas Antony podia pilotar, balançar e mudar as coisas de lugar. Me espantei ao ver que a criança ao lado se satisfazia em fazer parte daquela maneira, ele trazia as pernas encolhidas, as mãos nos joelhos e nem ao menos falava, mas seus olhos brilhavam contemplando os movimentos do outro. Antony chegou a sair mais uma vez e deixou ao seu companheiro de viagem a missão de cuidar de tudo sem mexer em nada e, assim foi, bem quietinho ele estava, bem quietinho ficou, mas seus olhos corriam pelos detalhes e espiavam o manche. Nesse meio tempo outra criança entra na nave e desmancha a organização, o menino que estava quieto observa e o acompanha como se estivesse em mais uma viagem, logo após a saída deste terceiro, Antony chega e pergunta: *“Foi você que bagunçou a minha nave, foi?”* o companheiro balança a cabeça dizendo que não. Antony me olha e diz: *“Foi você, foi?”* eu digo que não e ele parece se conformar. Olha para tudo, começa a arrumar e diz ao amigo: *“Tá pronto? Se segura!”*

Quase todo o tempo de corredor, Antony passou criando e experimentando, buscando elementos, personagens, espaço. Não dava para saber quanto tempo ele ficaria nesse movimento, quantos seguimentos construiria a partir de sua nave, quais viagens faria e se seria possível expandir para aumentar a tripulação. Nenhum de nós soube, pois já chegava a hora do almoço, o professor chamava e mais uma vez aquela conversa passada de um ao outro se espalhava e dominava as ações. Antony e seu parceiro levantam, outras crianças vão puxando os brinquedos e levando ao seu lugar, ele deixa, olhando tudo se desfazer, acaba sendo o último no corredor, todos já seguiram para o refeitório. Ele levanta o Jacaré, monta nele, dá

uma balançada forte, o encosta na parede e corre para a turma, eu os acompanho, me despeço e escuto: “Amanhã você volta?”

Antes de ir embora, deixo com a coordenadora as autorizações a serem enviadas aos familiares de Lívia, Ryan e Antony.

O final desse dia deixou muitos pensamentos e uma reflexão referente à rotina, registro e palavra: a organização dos tempos do brincar está relacionada aos espaços ou ao movimento desse fenômeno? A garantia dessa diversidade proporciona também a qualidade desse brincar? Não seria o registro organizado pelos nomes dos locais e as orientações chamando aos locais, um sinal de que não estamos olhando na direção que chega mais próximo do olhar das crianças? Se o olhar estivesse na direção do brincar e não dos espaços, a configuração da rotina e o significado dos espaços seria diferente? O que diriam as crianças se pudessem escolher onde brincar e quanto? Essas perguntas me provocam intimamente, pois a experiência que observo no CEI também se aproximam de minhas experiências cotidianas. Repensar e diversificar as perspectivas é urgente.

4.3.1 “Oi! você pode, tá?!”.

Na semana seguinte retornei à escola para iniciar a observação corrida de pelo menos cinco dias com cada criança, porém os rumores de uma possível quarentena, devido ao corona vírus nos espreitava, Lívia e Ryan talvez não iriam mais para a escola. Assim, tive a oportunidade de acompanhar Antony mais uma vez. Chegando na sala já fui recebida por ele, que olhou bem para mim, inclinou o corpo, franziu a testa e balançou a cabeça e disse: “*Oi! Você pode, tá!?*” Que alegria essa confirmação, ela veio em palavras, mas tinha mais, tinha o corpo todo falando comigo, a testa franzida o tronco inclinado, um olhar no meu olhar. O professor Evandro combinava com a turma que brincariam com os brinquedos das caixas e rapidamente bonecas, carrinhos, frutas, panelinhas, máscaras, heróis... se espalhavam pela sala, algumas crianças se agrupavam, outras se olhavam no espelho, Antony resolveu me convidar, sentei-me e o vi olhando ao redor, pouco depois retornou com uma boneca e um carrinho e disse:

“Essa é minha filha, a gente vai cuidar dela, tá?” Acenei com a cabeça dizendo que sim, então ele a colocou em meus braços e disse que ela precisava de colo para dormir, *“Segura ela, tá?”* Enquanto eu segurava a boneca, Antony passeava pelos grupos, foi em frente ao espelho e imitou o gesto do colega que se equilibrava em uma perna só, se achegou a três meninos que brincavam com pecinhas e carrinhos, observou e elogiou, *“Nossa que lindo isso, foi você que fez?”*, mas não ouviu resposta, então voltou seu olhar para mim e correu ao meu encontro, era hora de dar comida e trocar a bebê, a pegou de mim e foi colocando uma pecinha em sua boca, seus movimentos eram rápidos, mas cuidadosos, ele olhava apenas para ela. Depois começou a despi-la, teve que se esforçar, mas consegui, também rapidamente passou as mãos em seu corpo e com esforço a vestiu. Não a devolveu a mim, colocou no carrinho e me orientou a cuidar, ele já voltava. Esse processo muito me intrigou, de alguma forma Antony estaria se obrigando a brincar comigo? Nesse processo começou a querer brincar comigo? Essas voltas que dava pela sala se envolvendo nos outros grupos seria uma busca por seus verdadeiros interesses? Dessa vez não foi longe, avistou um tanto de pecinhas ao nosso lado e se dedicou a brincar com elas. Também muito sorrateiramente pegou algumas peças de dois meninos que brincavam ali, fez uma torre alta, separou por cores, se inclinou particularmente pelas azuis, inclusive trocando amarelas e outras por azuis. Durante toda construção dizia: *“Está vendo isso?”*, *“Olha o que eu sei fazer!?”*, *“Eu também consigo fazer isso!”*. Ficamos nesse brincar em torno de trinta minutos, então o professor em voz alta orientou a guardar, vi que novamente aquela corrente de conversas se formou pelo grupo e uma coreografia de organização se iniciou. Antony, dessa vez não se dispôs a guardar de imediato, ainda juntou o máximo de peças numa última construção, depois arriscou pegar o carrinho de uma criança ao lado, este por sua vez não deixou, e quando ele voltou a suas peças, outra criança já começara a recolher, ele a afasta e continua a guardar. Essa nossa interação foi totalmente controlada por ele, desde o cuidado com a boneca até as construções, ele estava se mostrando para mim e sabia que eu estava olhando.

Uma vez que a sala já estava organizada o professor ligou o DVD e iniciou uma sequência de músicas, dessa vez todos podiam dançar. Notei que a maioria dançava sozinha, não formaram pares nem rodas, em seus espaços tentavam seguir

os passos que as crianças faziam na TV. Poucos minutos depois, Evandro trouxe a notícia que esperei todos os dias de visita para ouvir, iríamos ao parque.



Foto tirada por Laizane Oliveira – parque

Nesse momento, Antony segurou na minha mão e falou: *“Vamos, eu te levo!”*, porém ele não apenas me levou como não me soltou por um bom tempo, quis me mostrar cada cantinho do seu parque. Fomos ao balanço, mas ele não balançou, fomos ao escorregador, mas ele não escorregou, demos a volta no entorno para vermos o barranco e as flores. Apesar de estar feliz com essa solicitação de minha companhia, me senti dever de perguntar e assim o fiz: *“Antony, você não quer ir brincar?”* e ele respondeu: *“Eu já vou, estou com você.”* Aceitei a resposta e novamente demos a volta no entorno, passando pelo barranco e por uma rampinha onde ele contou ter se machucado uma vez. Ao fim do percurso perguntei novamente: *“E agora, você quer ir brincar? Eu não vou deixar de te olhar, vou ver você de longe.”*, dessa vez a resposta foi diferente: *“Tudo bem, eu quero.”* E então pude vê-lo crescer entre os outros, correu, saltou, aos poucos convocou uma, duas, três, quatro crianças, todas o seguiam. Em determinado momento seus olhos

atentos cruzaram com um objeto no chão, o pegou, limpou passando a mão e dando uma soprada leve, de quem está testando. Pude ver que se tratava de um apito, objeto que passaria a ser desejo de todos que o acompanhavam e digo acompanhavam, porque praticamente faziam uma fila atrás dele. Foi aí que pude ver suas atitudes de controle serem acompanhadas por sua generosidade, todos pegaram e sopraram o apito, ele os organizava, e dizia do quanto era legal. Fiquei pensando se esquecera de mim, desejei que sim. Às dez e meia todos os professores que estavam no local com suas turmas chamaram para o almoço. Vi que os alunos de Evandro se dirigiram a ele, Antony se demorou, mas se despediu dos colegas, segurou o apito por um tempo e, antes de sair do parque, soltou para que caísse no chão. Quando achei que seguiria em frente, segurou minha mão e disse: *“Vem, Laiza! Você quer almoçar?”*

Neste dia, antes de ir embora conversei um pouco mais com a coordenadora, apesar das incertezas quanto ao que nos ocorria enquanto escola, Secretaria de Educação e demais órgãos, era certo que uma pausa se iniciava. Fui para casa querendo acreditar que não seria logo, que não interromperia o começo do que se fazia nesses dias de visita. Quis acreditar que não estava acontecendo essa pausa que desequilibraria não somente o espaço dessa pesquisa, mas todos os espaços de vida no mundo.

Carta para Antony



PARA: ANTONY

ATENCIOSO ANTONY, NÃO SEI DIZER A IMPORTÂNCIA QUE SENTI QUANDO VOCÊ QUIS ME MOSTRAR QUE ACEITAVA MINHA PRESENÇA. NÃO BASTANDO ISTO, COMPARTILHOU COMIGO SEU BRINCAR, SEUS INTERESSES, SEUS DESEJOS. ME INCLUIU COM MUITO CARINHO E RESPONSABILIDADE.

VISITEI O PARQUE PELA PRIMEIRA VEZ E VOCÊ FOI O MEU GUIA. CONHECI CANTINHOS, OUVI HISTÓRIA DE MACHUCADOS, PROCURAMOS SOMBRA, SENTAMOS NA RAMPINHA. VOCÊ CUIDOU DE MIM.

UM TEMPO DEPOIS, TE VI NO MEIO DA CANGAÇA, DOS SEUS, UM LÍDER ATENTO, ALERTA, ANTECIPANDO TUDO. TALVEZ COM UM POUCO DE RECEIO DE NÃO SER OUVIDO, MAS PELO QUE VI, ACREDITE, TODOS TE OUVIAM, ASSIM COMO EU, E QUE SORTE A MINHA.

OBRIGADA DEMAIS!
LAIZA

4.4 O retorno e o inesperado – Breno.

No dia seguinte, retornei à escola na expectativa de continuar acompanhando Antony e receber notícias de Livia e Ryan. Foi Natália quem informou que os três, assim como a maioria das crianças já estavam em quarentena, aliás, estavam fazendo o possível para redirecionar às famílias as orientações da Secretaria de Educação: ao final da semana as escolas seriam fechadas. Não tive muito tempo para pensar, então pedi para ficar e observar as outras crianças. Todas já me conheciam e eu estava lutando para apreciar um pouco mais, para contemplar um pouco mais a generosidade das crianças ao se permitirem ser vistas, para aprender um pouco mais. Diante do consentimento da coordenadora, fomos à sala onde encontrava-se em torno de oito crianças, de duas turmas. Depois de recebida e de uma conversa rápida sobre a pesquisa, o momento de tensão e outros assuntos, pude me aproximar dos pequenos. Não tinha uma criança específica a observar, mas tinha brincadeira livre de rotina. Sentei-me no chão, num colchonete e passei a olhar. Nenhuma das crianças pareceu se importar com minha presença, apenas continuaram seus movimentos. Muitos brinquedos estavam espalhados pela sala, as duas mesas estavam separadas, uma em cada ponta. Breno chamou minha atenção e das outras crianças, pois constantemente se abrigava embaixo de uma delas, alguns batiam encima e bem depressa se escondiam. Diante de tal circunstância, às vezes Breno correspondia com gritos e risadas, outras vezes pedia que parassem, chamava a professoras, trocava de mesa e ficava alerta. Pareceu-me que à medida que começou a construir um cenário debaixo da mesa passou a se incomodar com a interação dos demais. Seu espaço era pequeno, mas aparentemente suficiente. Ele ajeitou junto de si um boneco de herói, algumas panelinhas e com uma colher mexia em uma e em outra, às vezes as mudava de lugar, levava próximo a seu corpo. Quanto mais se concentrava, mais intensos eram seus sobressaltos quando os outros batiam na mesa, seu semblante mudava, tinha expressões de raiva, de angústia, tristeza, chegou a implorar que parassem. Notei que buscava entre palavras e gestos algo que informasse sua necessidade de continuar, o que funcionou com quase todos, menos um, esse insistiu, inclusive levando um dos brinquedos. Breno muito impaciente, reclamou em voz alta e chamando a atenção de sua professora, que os convidou a guardar para seguirem ao corredor. Enquanto

Breno marejava o olhar, a outra criança que até a pouco lhe importunava riu e lhe convidou para brincarem juntos. Nesse momento pensei: *“o desejo de fazer parte do universo do outro e não saber como, seria impulso para impedir que o outro possa vivê-lo ou esse era justamente seu jeito de pedir para entrar? O quanto Breno estava disposto a compartilhar seu espaço? Seria esse um momento para mediação do adulto?”*

No corredor ficou claro para mim que Breno era muito importante para o outro menino, quando não o convidava para brincar, apenas corria a seu lado, mas Breno ainda estava zangado pela situação da sala e se afastava. Em determinado momento, Breno recolhe alguns brinquedos, senta-se numa cadeira e novamente se dedica ao que eu acredito ser, fazer comidinha. Seu companheiro por sua vez começa a bater em sua mão e tentar lhe tirar os brinquedos. Depois de algumas tentativas Breno responde com um empurrão, o outro cai e inicia um choro alto que chama a atenção das professoras, uma o leva para lavar o rosto e outra diz a Breno que não foi legal o que ele fez, que deveria se desculpar. Vejo que Breno tenta explicar o que aconteceu, mas sem sucesso, o menino está de volta, dizendo que foi machucado e exigindo desculpas. Breno se desculpa, deixa seus brinquedos e se afasta para longe, tem os olhos fixos no chão, enquanto anda na direção oposta. Vejo que se abaixa e apanha algo que faz um sorriso se espalhar por seu rosto e levanta seu olhar, ele o segura com cuidado, quase escondendo, mas logo que começa a passear a mão pela parede e posso ver que é um carrinho. Ele vai passeando com o pequeno carrinho até chegar a um grande brinquedo de plástico, que a princípio pensei se tratar uma pista, depois entendi que era um lava-rápido cheio de estações. Breno não soltava o carrinho, o subia pela rampa, descia, fazia sons, e assim ficou por um tempo, sozinho. Apesar dos conflitos anteriores, quando o outro menino mais uma vez se aproxima, não há reclamações, dessa vez, este estava muito interessado em vê-lo brincando com o carrinho. Chegou a pedir, mas Breno negou e disse: *“Procura para você no chão.”* Então, na mesma hora ele começou sua busca.

Mais do que proteger seu brinquedo, penso que Breno teve uma atitude de generosidade ao contar onde encontrar mais carrinhos, compartilhou seu conhecimento e se abriu para também compartilhar o espaço.

O menino voltou com um carrinho na mão e um sorriso largo, achou seu espaço e começou seu subir e descer da mão, do corpo dos olhos ágeis, deixando o carro correr e deslizar para fora da pista, momento em que tentava agarrar ou rapidamente pegava do chão. Após alguns minutos, uma menina de olhinhos curiosos se aproxima, passa um tempo olhando e se inclina para frente com as mãos apoiadas nos joelhos. A cada salto do carro, uma risada dela, que em certo momento diz: *“Eu quero também!”* Dessa vez não é Breno quem ensina o caminho, mas ela entende e começa a procurar. Em poucos segundos retorna muito animada dizendo ter achado. Imediatamente olhamos sua mãozinha que carregava uma boneca pequena com fisionomia de menina. Os meninos sorriem e dão espaço a ela, que coloca a boneca na pista e vai empurrando nas curvas para que possa escorregar. O três passaram pouco tempo juntos, pois logo foram chamados para ir ao parque.

Chegando no parque, apesar de cada um seguir por um caminho, logo estavam juntos debaixo da caixa d'água. Não me aproximei muito, mas os vi de cócoras esfregando as mãos no chão. Quando cheguei um pouquinho mais perto pude observar que havia um pouco de água, de terra e alguns pneus. Me aproximei ainda mais e pude ouvi-los, estavam lavando, um trazia a terra, outro apertava o pneu para derramar água e todos lavavam. Acabei mexendo em um dos pneus e muita água escorreu, os olhinhos se arregalaram e rapidamente começaram a derramar mais água, sorriam e se organizavam: *“Agora precisa de mais terra”*; *“Você joga água aqui, devagar”*; *“Espera! Agora, vai!”*. Os dois meninos se revezavam nas orientações e a menina os seguia, às vezes era impedida de esfregar, mas mesmo assim continuava. Ficaram todo o tempo do parque lavando concreto com lama, por algumas vezes olhavam desconfiados como quem faz algo escondido, mas a maior parte do tempo brincavam como se realmente ninguém os pudesse ver. Quando foram chamados para o almoço, o brincar se acelerou, começaram a derramar toda água e esfregar, foram saindo um de cada vez, até o último a dar a última esfregada.



Foto tirada por Laizane Oliveira – brincadeira embaixo da caixa d'água

Já no refeitório, me despedi e, no caminho para casa pensei se teria a sorte de vê-los no dia seguinte e se esses processos de interação continuariam.

4.4.1 A continuidade do brincar – ainda fazendo comidinha.

Em dezoito de março, no caminho para o CEI, após refletir muito a noite, tomei uma decisão difícil, mas necessária e inevitável, aquele seria o último dia de visita. Diante da pandemia que chegava ao Brasil e principalmente no Estado de São Paulo, não seria ético expor as crianças ao possível contágio, devido a meu contato direto e diário com um profissional da saúde, constantemente exposto aos riscos no hospital. Além de todas as outras pessoas do trabalho do contraturno e também ao fato da própria creche estar num intenso movimento de organização de sua equipe,

dispensando todos do grupo de risco, atendendo as demandas de higiene e se preparando para o fechamento. Era preciso dar espaço e agradecer.

Assim que cheguei na Unidade, procurei a coordenadora e expliquei minha decisão, Natalia compreendeu e permitiu que fizesse minha última visita de observação e escuta. As poucas crianças que foram naquele dia estavam na sala de Evandro e Breno estava lá. Todos já organizavam a sala para ir ao parque e rápido saímos. Nesse dia não houve fila ou barganha para ir no balanço, não teve gritinhos de quem corre para não ser pego e ninguém desviava de seus corpos em movimento, o parque tão desejado logo ficaria só.

Voltei meu olhar para Breno e por alguns segundos recebi seu olhar de volta. Foi especial porque de todos os nossos encontros, esse foi o primeiro contato direto.

Me aproximei um pouco e sentei-me na outra ponta do banco, onde ele reunia um baldinho, dois potes rasos e uma pá. Logo que terminou se abaixou e começou a cavar, colocando terra no balde. Quando satisfeito, se levantou, dividiu a terra nos outros potes, recolheu dois gravetos e com eles passou a mexer. Rodava o graveto, mudava os recipientes de lugar, sentava e colocava no colo, sempre mexendo. Passou muito tempo assim, sozinho compenetrado, inclinado ao seu fazer. Nesse momento me aproximei e perguntei se poderia tirar uma foto do que ele fazia e mediante consentimento, fotografei enquanto brincava e o depois.



Foto tirada por Laizane Oliveira – Breno

O menino que o acompanhava no dia anterior veio ao seu encontro, foi chegando devagar e observando, e quando Breno se afastou de seus potes para pegar mais terra, jogou tudo no chão, correu e ficou vendo a certa distância, Breno retornar. Quando percebe suas coisas no chão o olhar de Breno logo procura por ele, é intenso seu descontentamento, ele protesta e dizendo: *“Para com isso!”*, mas não adianta, pois o outro está determinado a chamar sua atenção e novamente se aproxima e derruba um pote no chão. Vejo Breno se cansando, quase desistindo, vai juntando tudo, então, pega um dos gravetos e começa a desenhar na terra, ele gosta do que vê, vai encompridando seus traços e cruzando as linhas, parece ter deixado de lado seus potes.



Foto tirada por Laizane Oliveira – desenho na terra feito por Breno

Novamente, depois de alguns minutos, se o outro menino está de volta, vê os desenhos no chão e passa o pé desfazendo uma parte, Breno se afasta e reinicia, mas mais uma vez ele apaga uma parte, ambos se olham, o menino sorri, se dirige a um escorregador e o convida, Breno volta aos potes por alguns minutos os arruma e depois o segue.

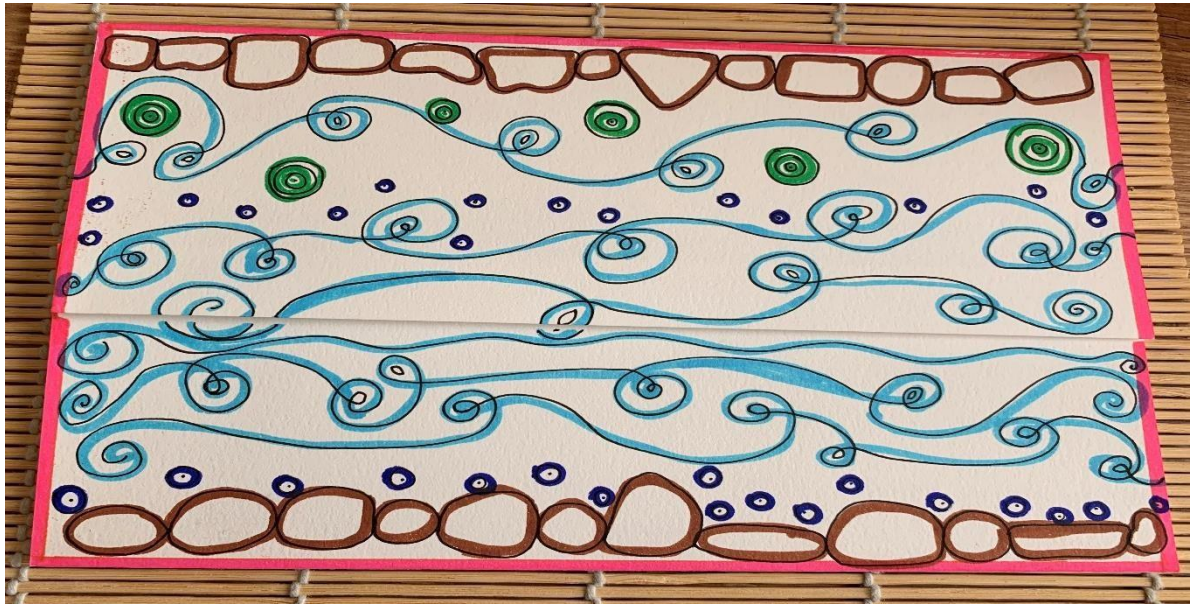


Foto tirada por Laizane Oliveira – organização de Breno

Ambos passam o restante do tempo brincando no escorregador subindo nos brinquedões. Entre risadas e protestos, pausas para respirar e arrancadas, vejo que se divertem, que ambos gostam da companhia um do outro, mas que esse encontro aconteceu quando criaram algo juntos ou quando um cedeu. Uma relação que exige resiliência, firmeza, insistência, vontade de estar junto.

Pela pouca quantidade de crianças, o almoço foi servido novamente mais cedo, os professores chamaram e a corrida dos meninos se estendeu até a rampinha para o refeitório.

Carta para Breno



PARA: BRENO

PERSISTENTE BRENO, ESTAR COM VOCÊ FOI UM PRESENTE. SEU OLHAR, SEUS GESTOS, SUA FORÇA ME ALCANÇARAM. NOS DOIS DIAS QUE TE ACOMPANHEI, VI VOCÊ RESISTIR MUITO AO QUE LHE IMPEDIA DE BRINCAR. VOCÊ FOI INCRÍVEL. FORAM TANTOS RECOMEÇOS, REORGANIZAÇÕES, CHORO, RESPIRAÇÕES PROFUNDAS. VOCÊ FOI VALENTE.

TAMBÉM PUDE VER SUA GENEROSIDADE E ABERTURA PARA SER MAIS, PARA SER MUITO, POR VOCÊ E PELO OUTRO. VI VOCÊ SE DESculpAR SEM TER CULPA E ACEITAR O OUTRO SEM ESTE SE DESculpAR, E ISSO TUDO COM FIRMEZA, SEM FALTAR COM SUA VONTADE PRIMEIRA.

NO PARQUE, ALGO SE ACENDEU EM VOCÊ QUANDO TOCOU NA TERRA, ENTÃO, TOQUEI NA TERRA TAMBÉM.

OBRIGADA. LAIZA

5 O BRINCAR INTERROMPIDO

5.1 Percepções e impressões

Quando brinca, a criança dança, fala com seu corpo e sua expressão. O que nos diz? Ela quer nos dizer algo ou ela diz porque ela vive, simplesmente?...

(Friedmann, 2013, p.13)

Nos seis encontros que tive com Ryan, Lívia, Antony e Breno, pude observar variações de interrupções do brincar, mas duas se destacaram: a interferência de outra criança, na tentativa de pegar os brinquedos e a necessidade de cumprir a rotina. Na primeira situação, na maioria das vezes os diálogos, argumentações e soluções ficaram por conta das crianças e pude ver todo seu empenho em manter a continuidade de suas brincadeiras. A princípio ocorre um desequilíbrio, um sobressalto, pois algo lhe foi retirado sem aviso, quase imediatamente o corpo responde, às vezes conseguindo o objeto de volta antes mesmo de ser levado, na insistência todo o corpo se volta para proteger e guardar o brinquedo, é um momento de muita tensão, as expressões variam em demonstrações de receio, raiva, revolta, tristeza, angústia, injustiça; a palavra surge como súplica, desespero, força, às vezes se eleva e às vezes quase que não sai embargada pelo choro. Em meu entender, as crianças estão usando toda sua potência para defender aquilo que faz parte ou garante o seu brincar, se lançam sem reservas e tentam afastar quem os impedem, se preciso usando a força, se deslocando ou recorrendo ao adulto.

Com relação à rotina organizada e representada pela presença e fala dos educadores, os sinais são completamente diferentes, a resistência se baseou muito mais em esticar qualquer quantidade de tempo o máximo possível, brincando até o último segundo, dar a última balançada, brincar até colocar o brinquedo na caixa, ou até ser o último no espaço, como se quisessem viver mais um pouquinho. Nessas pausas para se deslocarem para outro lugar de brincar, notei nas expressões e olhares que demonstravam desequilíbrio, frustração, reorganização e recomeço, como se estivessem todo o tempo preparados para recomeçar a brincar. Algumas crianças estavam tão imersas em suas brincadeiras que não percebiam a

movimentação do grupo, de repente se deparando com uma interrupção brusca ao ser convocado por outra criança ou sendo levado a seguir o fluxo, pois ficaria sozinho.

Muitos processos são interrompidos quando se pausa o brincar, são construções, representações, imagens, diálogos, resgates, descobertas, invenções, comunicações investigações, trocas, emoções, narrativas de vida. FRIEDMANN, (2020, p. 77,78), diz sobre o Brincar:

No ato de brincar, elementos naturais incorporam-se para criar uma linguagem única e ao mesmo tempo universal, desafio próprio de cada brincante. O gesto das mãos rápidas manipulando um brinquedo, os olhares atentos, o cuidado com o tesouro de suas pedrinhas, o carrinho construído com sucatas, constituem marcas que são incorporadas a uma linguagem corporal, a uma atitude com relação ao outro à construção de uma autoestima essencial para a vida.

Falk (2011, p. 42) aprofunda a importância do olhar para esse brincar experiência vital:

Quando observamos, devemos fazê-lo de um duplo ponto de vista: o do adulto e o da criança. Pois a criança não brinca, vive. Vive muito seriamente, implicando-se completamente, envolvendo todas as suas funções e todas as suas emoções em cada ato, desde o nascimento.”

Um desses brincares que muito me atraiu foi o “mãe e filha” de Livia e sua amiga, suas idas e vindas, encontros e afastamentos revelaram uma conexão entre as meninas, paralela a qualquer proposta que se fizesse a qualquer momento. Era algo delas, especial para elas, vivido por elas, uma entrega e confiança que permitia que se deslocassem, fizessem suas escolhas diferentes, mas quando queriam, podiam voltar a serem “mãe e filha”. Lembro de escrever em letras bem grandes, no meu caderninho vermelho: “UM ESTADO DE BRINCADEIRA”. Foi isso que reverberou em mim enquanto as acompanhava, que estavam permanentemente em estado de

brincadeira, independente das pausas e dos deslocamentos, o impulso do brincar não se vai, não adormece, é presente, é latente.

Outro brincar, o de Ryan, trouxe outras reflexões: Não saberemos até onde Ryan pilotaria ou quantas crianças mais adentrariam seu cercadinho de cadeiras. Não saberemos quais outras soluções ele daria para se manter à frente. Não saberemos quais desafios superaria. Não saberemos qual o tempo necessário para ele viver aquele momento. Não saberemos quanto tempo ele precisava para balançar com tanta leveza o boneco em sua mão, enquanto se olhava no espelho. Seria ele a voar tão levemente? Não saberemos quantas oportunidades de experimentarem sua generosidade as outras crianças perderam. Não saberemos em quantas outras brincadeiras aquela poderia se desdobrar. Não saberemos quais outros interesses se revelariam. No entanto, o mais relevante aqui é a percepção de que se não houve tempo para sabermos, é porque antes disso, não houve tempo para vivenciarem isso tudo. No entanto, de uma coisa estou certa, Ryan e as outras crianças darão seu jeito.

6 O COMEÇO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do percurso de escuta e observação das crianças pequenas a que me disponibilizei, percebo e sinto que dei alguns poucos passos, não pelo simples fato de que o tempo estimado de pesquisa não foi cumprido, isso também, mas principalmente por se tratar das crianças, das crianças que acompanhei, mas para além, das crianças e seus brincar, relações, experiências e toda multiplicidade, pluralidade e complexidade que as envolvem.

Reconheço que a resposta dura delas em não se revelarem ao olhar do julgamento, me permitiu reorganizar as intenções, a postura e o papel da pesquisadora que eu desejei ser e apresentar.

Na busca por chegar perto de seus universos e quem sabe compreender um pouco mais, me deparei com seres humanos resilientes, potentes e sempre dispostos a recomeçar o que os posicionam na vida. Senti um pouco do que é o brincar como uma necessidade de existência das crianças, que assim o vivem, com todo o comprometimento; que entre seus pares, seus iguais, as crianças praticamente esgotam seus recursos para garantir a continuidade, no entanto quase não há negociações entre elas e os adultos, me pergunto por quê? Por que as crianças não nos interpelam quanto às interrupções que causamos? Seus gestos, olhares, esticadas do tempo, são sua maneira generosa de nos avisar que ainda não acabou? Ainda carrego as indagações que iniciaram essa pesquisa, acredito que há muito para ser observado e escutado sobre o que acontece quando o brincar é interrompido: Quais as reações pontuais dessas crianças? Como finalizam a brincadeira? Realmente finalizam? Elas desorganizam os brinquedos ou os mantêm? Em dias seguintes retomam essas narrativas? É possível antecipar essa interrupção fazendo combinados? O que as crianças pensam sobre essa interrupção? Quais suas possíveis ideias para esse momento? No entanto, elas se somam a tantas outras. De repente, também devêssemos nos atentar para as mudanças que são provocadas pelas próprias crianças nos processos, nos perguntando: quais os sinais de que aquela brincadeira acabou? Quais os sinais de quando perdem o interesse? Como podemos juntos, realizar pausas que respeitem o brincar? É possível pausar, realizar uma ação da rotina, como por exemplo o almoço e depois voltar a brincar, sem desorganizar o espaço?

Percebo também, que paralelamente aos encontros no CEI, os encontros com as crianças que acompanho como professora não eram mais os mesmos. Passei observar e escutar muito mais suas expressões. Antes de sermos interrompidos pela pandemia, estávamos compartilhando as decisões e escolhas sobre os tempos e espaços do brincar, estávamos aprendendo a nos olhar e nos sentir. Estávamos construindo uma coreografia do cotidiano.

Chego nas considerações finais com a ideia de que estou claramente no começo dessa jornada de ver, dar vez, silenciar para escutar as vozes das crianças e assim, quem sabe, honrá-las em nossas palavras, nossos gestos, nossas escolhas.

Percebo com alegria imensa que esse percurso não se finda e percebo muitas mãos dadas por esse caminho e os demais que virão. Empréstimo as palavras de Bel Santos Mayer, ganhei parceiras de curso, de luta, de aventuras, um bando para voar alto e longe, para aninhar e retornar quando for preciso.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. Tempo e cotidiano – tempos para viver a infância. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v.31, n.61, p.213-222, nov. 2013.

CHRISTOV, LHS. Sobre o texto acadêmico: pensando em fluxo uma tentativa de indefinição. Elaborado para a aula junto aos doutorandos do Programa de Pós Graduação em Artes/Unesp, 2016.

CUNHA, A. C.; KUHN, R. *No tempo das crianças...no tempo da imaginação*. Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de educação de infância: “investigação, formação docente e cultura da infância”. 2016.

ECKSCHIMIDT, S. *Ndiphilile: eu estou viva!* São Paulo: Eco livros, 2015.

FALK, j. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*: 2.ed. Junqueira&Marin, Araraquara. SP, 2011.

FRIEDMANN, A. *A vez e a voz das crianças: Escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda, 2020.

FRIEDMANN, A. “Brincar livre e saudável para as crianças de hoje,” *Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada*, acesso em 18 de maio de 2020, <http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/items/show/1350>.

FRIEDMANN, A. *Linguagens e culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

FRIEDMANN, A. *O olhar antropológico por dentro da infância*. In: _____; MEIRELLES, Renata (org.), “Território do brincar diálogo com escolas.,” *Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada*, acesso em 18 de maio de 2020, <http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/items/show/1353>.

KÁLLÓ, É.; BALOG, G. *As origens do brincar livre*. São Paulo: omnisciência, 2017.

KRAMER, S. *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*. Rio de Janeiro. Caderno de pesquisas, nº 116, junho/2002.

Barros, M. de. *Menino do Mato*. São Paulo: Leya, 2010.

SAYÃO, D. T. *Crianças: Substantivo Plural*. Palestra proferida no II Seminário Educação Infantil em Debate, organizado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Infantil da Fundação Universidade federal. Rio Grande/RS. 2000. O texto completo nos Anais do evento.

8 DOCUMENTOS

Projeto Político Pedagógico: As diversas infâncias, o CEI e a cidade educadora –
CEI Vereador Rubens Granja.